

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS

ANA CAROLINA CARDOSO CEZIMBRA

A AUTORIA NA (AUTO)TRADUÇÃO COM O CHAT-GPT:
Aptidão e Confiabilidade

Porto Alegre

2024

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS

ANA CAROLINA CARDOSO CEZIMBRA

A AUTORIA NA (AUTO)TRADUÇÃO COM O CHAT-GPT:
Aptidão e Confiabilidade

Trabalho de Conclusão de Curso de graduação apresentado como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharelado em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Gerson Roberto Neumann

Porto Alegre

2024

A AUTORIA NA (AUTO)TRADUÇÃO COM O CHAT-GPT:

Aptidão e Confiabilidade

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharelado em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Gerson Roberto Neumann

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Gerson Roberto Neumann
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Ma. Marianna Ilgenfritz Daudt
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Me. Eduardo Spieler de Oliveira
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

CIP - Catalogação na Publicação

Cezimbra, Ana Carolina

A autoria na (auto)tradução com o Chat-GPT / Ana Carolina Cezimbra. -- 2024.

59 f.

Orientador: Gerson Roberto Neumann.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto
de Letras, Bacharelado em Letras: Tradutor Português e
Alemão, Porto Alegre, BR-RS, 2024.

1. Tradução. 2. Autoria. 3. Autotradução. 4.
Ética. 5. Filosofia da Linguagem. I. Neumann, Gerson
Roberto, orient. II. Título.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, e para sempre, aos meus pais, Rodrigo Loro Cezimbra e Priscila Ramos Cardoso, por sempre darem o máximo de si na minha criação e todo o incentivo à minha educação; às minhas amadas avós, Pierina Loro Cezimbra, principal pessoa a quem eu quero dar o presente de estar formada, e Nercy Boeira Ramos, que, mesmo após 13 anos de sua ausência, sem ela eu não seria quem eu sou hoje e este trabalho não existiria;

Ao meu irmão caçula e eterno *amorvida*, Alexandre Cardoso Monteiro Terra, minha fonte infinita de carinho e o motivo de eu querer ser uma irmã exemplar;

Für mein Lieber Fabian Rurack, por estar ali durante os longos dois anos de criação, gestação e execução deste projeto;

À minha melhor amiga, Maria Carolina de Oliveira Sartori, por todas as vezes que salvou a minha vida; e ao meu amigo filósofo, Gustavo Koetz, pela ajuda essencial na constituição do trabalho que enche as próximas páginas;

Para meu orientador, Gerson Roberto Neumann, que acompanhou minha trajetória acadêmica desde o meu primeiro dia de caloura e, tanto em aulas, como na bolsa de pesquisa e, agora, neste TCC, me passou a segurança de estar aprendendo a fazer um bom trabalho;

Para minha orientadora, Márcia Moura da Silva, muito obrigada por todos os ensinamentos teóricos, práticos e emocionais; nossos encontros semanais vão me deixar muita saudade.

De forma especial, quero agradecer ao Ensino Público como projeto social, representado pela UFRGS, como entidade e símbolo de Educação Pública, que precisa ser defendida e preservada, para que continue dando aos alunos e à população sempre o melhor; e ao DAAD, por confiar no meu potencial e me presentear com a experiência mais importante e edificadora do meu conhecimento em língua alemã, assim como aos queridos amigos que fiz no *Winterkurs*, pelas conversas que tivemos sobre este trabalho.

E, finalmente, quero agradecer de forma geral, mas com a mesma devida importância, às pessoas que estiveram comigo durante os últimos anos, aqui ou do outro lado do oceano, e exerceram alguma influência na execução deste trabalho.

*“Criar (e também descobrir) significa sempre quebrar uma regra;
seguir a regra é mera rotina, mais do mesmo – não um ato de criação.”*

Zygmunt Bauman

RESUMO

Este trabalho parte de uma experiência pessoal de autotradução de poesia para discutir aspectos comuns à tradução e à autoria, investigando a influência que métodos automatizantes pode exercer no fazer tradutório. Para isso, explora-se a complexidade da diferenciação entre autor e tradutor, destacando como a tradução é uma forma de interpretação intersemiótica, conforme a teoria de Roman Jakobson. A discussão foca em observar como a tradução e a autoria, embora tão similares, recebem tratamentos e conceitos diferentes de acordo com quem seja o seu autor. Desse modo, apresenta-se a autotradução como um processo que permite ao autor reavaliar e modificar suas próprias obras, introduzindo conceitos de intertextualidade e reescrita criativa. Além disso, a noção de que o tradutor também é um autor, especialmente ao trazer à luz a interpretação pessoal e o estranhamento na tradução, é defendida usando por base teóricos como Hans-Georg Gadamer e Lawrence Venuti, para mostrar como a tradução é um ato autoral que envolve reescrita radical e exige engajamento crítico do tradutor. Ademais, o uso do Chat-GPT como ferramenta de auxílio abre espaço para discutir a ética na tradução em consonância com os últimos avanços na tecnologia; para isso, a reflexão ética proposta a partir dos estudos de Zygmunt Bauman e Gilles Jean Abes busca mostrar a tradução como um ato que não pode ser meramente mecânico, exigindo uma fusão entre o corpo e o intelecto do tradutor, assim evidenciando a importância do seu papel presente na tradução e como a parceria entre humanos e máquinas pode ampliar a acessibilidade linguística e estimular novas discussões acadêmicas sobre os limites e as possibilidades da tradução automatizada.

Palavras-chaves: Tradução; Autoria; Autotradução; Ética; Filosofia da Linguagem.

ABSTRACT

Diese Arbeit geht von einer persönlichen Erfahrung aus, selbst Gedichte zu übersetzen, um einige gemeinsame Aspekte der Übersetzung und Autorschaft zu diskutieren und um zu untersuchen, welchen Einfluss automatisierte Methoden auf den Übersetzungsprozess ausüben können. Dabei wird die Komplexität der Unterscheidung zwischen Autor und Übersetzer untersucht und betont, wie Übersetzung gemäß der Theorie von Roman Jakobson eine Form der intersemiotischen Interpretation darstellt. Die Diskussion konzentriert sich auf die Beobachtung, wie Übersetzung und Autorschaft trotz ihrer Ähnlichkeit, unterschiedlich behandelt und konzipiert werden, je nachdem, wer der Autor ist. So wird die Selbstübersetzung als ein Prozess vorgestellt, der es dem Autor ermöglicht, sein eigenes Werk neu zu bewerten und zu verändern, indem er Konzepte der Intertextualität und des kreativen Neuschreibens einführt. Darüber hinaus wird die Vorstellung, dass der Übersetzer ebenfalls ein Autor ist, insbesondere, wenn er seine persönliche Interpretation und das Unheimlich in der Übersetzung ins Licht rückt. Diese Sichtweise die sich auf der Grundlage von Theoretikern wie Hans-Georg Gadamer und Lawrence Venuti gestützt, um zu zeigen, dass Übersetzung ein autoraler Akt ist, der eine radikale Neufassung beinhaltet und ein kritisches Engagement des Übersetzers erfordert. Zudem eröffnet der Einsatz des Chat-GPT als Hilfsmittel Raum, um die Ethik in der Übersetzung im Einklang mit den neuesten technologischen Fortschritten zu diskutieren; zu diesem Zweck zielt die auf den Studien von Zygmunt Bauman und Gilles Jean Abes basierende ethische Reflexion darauf ab, die Übersetzung als einen Akt zu zeigen, der nicht nur mechanisch sein kann und eine Verschmelzung von Körper und Intellekt des Übersetzers erfordert. Auf dieser Weise wird die Bedeutung der Rolle des Übersetzers in der Übersetzung deutlich und wie die Partnerschaft zwischen Menschen und Maschinen die sprachliche Zugänglichkeit erweitern und neue akademische Perspektive über die Grenzen und Möglichkeiten der automatisierten Übersetzung eröffnen kann.

Schlüsselwörter: Übersetzung; Autorschaft; Selbstübersetzung; Ethik; Sprachphilosophie.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Primeiro poema	34
Quadro 2 – Traduções de <i>Júpiter em peixes na casa 3</i>	35
Quadro 3 – Segundo poema	35
Quadro 4 – Traduções de <i>Uni duni tê</i>	36
Quadro 5 – Terceiro poema	38
Quadro 6 – Traduções de <i>Avança o navio pirata</i>	38
Quadro 7 – Quarto poema	39
Quadro 8 – Traduções de <i>Nicotina</i>	40
Quadro 9 – Quinto poema	41
Quadro 10 – Traduções de <i>Cartinha para o Noel</i>	42
Quadro 11 – Sexto poema	43
Quadro 12 – Traduções do sexto poema	43
Quadro 13 – Sétimo poema	44
Quadro 14 – Traduções de <i>Atirar o pau no gelo</i>	45
Quadro 15 – Oitavo poema	47
Quadro 16 – Traduções de <i>MERDA</i>	47
Quadro 17 – Nono poema	47
Quadro 18 – Traduções de <i>Espelho</i>	48
Quadro 19 – Vigésimo poema	49
Quadro 20 – Traduções de <i>Ai, que medo!</i>	50

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
1.1 Justificativa	10
1.2 Objeto de estudo	14
1.3 Metodologia	14
1.4 Objetivos	15
2 AUTORIA E TRADUÇÃO EM DISCUSSÃO	19
2.1 Sobre a tradução na autoria	19
2.2 Sobre a autoria na tradução	23
2.3 Sobre a tecnologia e a ética na tradução	30
3 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS POEMAS E SUAS TRADUÇÕES	34
4 COMENTÁRIOS SOBRE O DESEMPENHO DO CHAT-GPT EM TRADUÇÃO	52
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	54
REFERÊNCIAS	57

1 INTRODUÇÃO

1.1 Justificativa

A questão autoral como objeto de estudo teórico é algo que, por si só, já abrange uma grande quantidade de questionamentos que, muitas vezes, podem ser abordados a partir de diferentes áreas do pensamento. Quando relacionamos o conceito de autoria à (auto)tradução de textos que escrevi durante o curso de bacharelado em Letras, isso, ao mesmo tempo em que afunila o campo de pesquisa, abre margens para uma gama de tópicos a discorrer sobre – e quando levamos em conta que a metodologia utilizada durante o processo das (auto)traduções se deu com o auxílio de ferramentas como softwares de tradução automática e inteligência artificial (IA), tal como o recente Chat-GPT, o tema deste Trabalho de Conclusão de Curso ganha um relevante espaço a ser abordado.

Essa temática foi se criando paulatinamente, desde 2017, quando iniciei a graduação para me tornar tradutora de língua alemã. Naquele momento, ainda leiga sobre todas as teorias linguísticas sobre língua e tradução, eu só sabia de uma coisa: gostava de escrever e queria fazer isso melhor, principalmente em outras línguas. O interesse pela língua alemã não era mais do que uma profunda admiração pela cultura e pelos grandes pensadores que as terras germânicas cultivaram entre os séculos XVIII e XXI. Passados seis anos de estudo e de escrita, a vontade de falar sobre “A autoria na (auto)tradução com o Chat-GPT” surgiu a partir de uma necessidade de desenvolver e expandir a minha comunicação na língua e no cenário germanófono, além de querer analisar a metodologia aplicada nesse processo de transpor os meus pensamentos do português para o alemão e as consequências que essas novas tecnologias provocam na profissão do tradutor na medida em que são cada vez mais utilizadas e desenvolvidas.

Neste trabalho, muitas vezes serão mencionados os três aspectos da tradução postulados por Roman Jakobson (1999): intralingual, que consiste na reformulação de signos verbais por meio de outros da mesma língua; intersemiótica, ou transmutação, quando ocorre a interpretação de signos verbais por meio de signos não verbais (como desenhos, sons instrumentais, pensamentos, etc.); e a interlingual, ou maneira propriamente dita, que é caracterizada pela interpretação dos signos verbais através de signos verbais em outra língua. Embora possa parecer contraditória em combinação com outros autores usados como referência neste trabalho, essa teoria funciona aqui para observarmos que, cada vez mais, a interpretação que nos referimos,

inerente a todo e qualquer processo de tradução, vem acontecendo de maneira automatizada; como consequência disso, vemos uma crescente ameaça no mercado de trabalho dos tradutores.

Há alguns anos que o domínio de programas como MemoQ, Trados ou Memsource vem sendo um forte requisito na hora de conseguir um trabalho na área de tradução. Na maioria das vezes, contudo, esses trabalhos lidam com textos técnicos, científicos, ou até mesmo legendas para filmes e séries, de forma que exige um grande arcabouço de *corpora* que facilite o uso de tais programas. Aqui, no entanto, tratamos de outro gênero textual não técnico, i.e., a poesia.

Para analisar essa questão, observaremos as teorias de alguns pensadores que propuseram a ideia da poesia como algo impossível de traduzir, como, por exemplo, Hans-Georg Gadamer. Esse filósofo fala sobre o tradutor como “uma opinião e possibilidade que se aciona e [...] ajuda a apropriar-se verdadeiramente do que se diz no texto” (Gadamer, 2004, p. 503 apud Picoli, 2013, p. 110), cujo

processo de compreender se aplica a quase todos os casos de tradução, com a exceção de duas situações limites: a primeira limitação se refere aos pensamentos confusos e aos textos mal redigidos; o segundo caso, refere-se à inefabilidade da dimensão poética, mais propriamente se refere à intraduzibilidade da poesia lírica, “uma vez que aí uma língua não se deixa traduzir para outra sem perder sua força de expressão poética”. Este último caso é, para Gadamer, a prova da insustentabilidade da teoria da substituição, uma vez que ficaria evidente a incomensurabilidade entre uma língua e outra ou mais precisamente que nem toda expressão pode ser substituída por outra que mantenha o mesmo sentido. (*ibid.*, p. 111)

No entanto, essa visão não se reduz apenas ao âmbito poético, pois a alteração de termos de uma língua para a outra “tem como resultante a mudança de sentido do texto e, conseqüentemente, a produção de uma reiluminação do texto, por menor que esta seja” (*ibid.*, p. 111). Por isso, a poesia, na verdade, facilita exemplificar a singularidade das palavras porque “a palavra conceitual planta raízes numa língua e individualiza-se a ponto de tornar-se intraduzível” (*ibid.*, p. 112).

Embora esse fracasso na tentativa de traduzir possa ser compreendido para todos os domínios na linguagem, Gadamer defende que

As configurações poéticas são ‘configurações’ em um sentido novo, são ‘textos’ em sentido eminente. A língua aparece aqui em sua autonomia plena. Está e coloca-se de pé por si própria, enquanto nos outros casos as palavras são superadas pela intenção que as ultrapassa. [...] A poesia comporta um tipo especial de comunicação. Com quem se dá essa comunicação? Com o leitor? Com qual leitor? A dialética de pergunta e resposta, que sustenta o processo hermenêutico, a qual surge do esquema básico do diálogo, sofre aqui uma modificação específica. A recepção e interpretação da poesia parecem implicar uma relação dialógica de modo próprio. (*ibid.*, p. 114)

Pensando sobre a problemática de traduzir o “tom” da poesia, este “entendido como [a] tensão [...] que lhe dá autenticidade e a possibilidade de se autossustentar”, Gadamer observa que “a poesia contemporânea chegou ao limite da significatividade compreensível, principalmente ao que diz respeito à poesia hermética, a qual se apresenta como uma convocação, um desafio ao compreender do filósofo” (*ibid.*, p. 115) e, por extensão, igualmente o é para o tradutor. Contudo, a perspectiva que Gadamer adota sobre a tarefa de traduzir mostra-se contraditória, segundo Picoli, porque, ao priorizar “facilitar a compreensibilidade do sentido” na tradução interlingual, Gadamer desconsidera a “letra do texto [...] em prol da clareza do sentido na língua para a qual se traduz” (*ibid.*, p. 119), adotando uma visão etnocêntrica e hipertextual e adaptando todo o conteúdo estrangeiro para as normas e valores do sistema linguístico para o qual é versado.

Mesmo assim, como exposto acima, o entendimento da intraduzibilidade da poesia não impede a ação do traduzir. Na verdade, o artigo de Picoli encerra afirmando que:

Gadamer via a ação do traduzir como um esforço ético-político, pois ela trata-se de um dever ético daqueles que estão em condições de fazê-la perante aqueles com os quais se compartilha e partilha a língua materna e não estão em condições de acessar a língua estrangeira. [...] Deste modo, diante desta dívida para com o outro [...] cabe àqueles que têm a autoridade (de conhecimento) de traduzir fazer desta arte, deste apresentar para outrem, a sua forma de preparar os caminhos para a “verdadeira liberdade ética e política”, a qual, via Gadamer, é a nobre função da arte, qual seja, a do reconhecimento da outridade do outro (como defensor da tradução, Gadamer pelo menos reconhece a outridade do outro enquanto o outro é aquele compatriota que não acessa a língua estrangeira) e da responsabilidade de colaborar na formação (Bildung) do outro, provocando-o ao pensar (maior dos deveres ético-políticos) quer vertê-los. Função esta da qual a tradução já ocupou e ocupa um espaço gigantesco em sua dupla tarefa na tradição ocidental, apesar de sua quase completa invisibilidade, para além do espaço dos cursos de letras, mesmo no hodierno âmbito acadêmico. (*ibid.*, p. 121-122)

Diante das ricas reflexões encontradas nesse estudo, consideramos que a abstração do texto poético permite que haja diversas maneiras de traduzi-lo, mas que é dever do tradutor se esforçar para que o sentido, por mais abstrato que possa ser, seja levado ao não falante da língua de acordo com o que está presente no texto, mesmo que a sua “originalidade” seja impossível de ser perfeitamente preservada, pois essa transferência entre línguas sempre acarretará perdas e ganhos no novo texto. O uso de rimas e demais figuras de linguagem, por exemplo, limitam muito como um tradutor pode interpretar esse texto em outras línguas, principalmente quando estas pertencem a famílias distantes uma da outra.

Tendo isso em mente, parecia-me complicada a tarefa de traduzir as poesias que escrevi pensando em fazê-lo de maneira incógnita e cheia de metáforas, criando polissemias que

mascarassem o que se queria externalizar sem, contudo, revelar completamente aos potenciais leitores. Os poemas foram escritos sem querer deixar evidente a ideia que os originou, então, como alguém, que não o autor, vai saber o que está sendo dito, tendo a intenção de traduzi-lo? A questão da confiabilidade do autor como tradutor do próprio texto é um dos pontos que também será mencionado neste trabalho, uma vez que a pressuposta “incompreensibilidade” que gêneros poéticos podem abrigar é anulada na medida em que o autor é geralmente considerado autoridade máxima quando o que está em questão é confiabilidade de interpretação do poema para outro sistema linguístico.

Contudo, nesse cenário, embora possa surgir o questionamento sobre a aptidão de uma estudante de tradução – que não domina a língua alemã e faz uso de instrumentos considerados polêmicos e muitas vezes questionáveis como apoio – em comparação ao trabalho que uma terceira pessoa que não utilize tais ferramentas, mas que tenha anos de experiência e prática em tradução/versão com o par linguístico português<>alemão, produziria ao se dedicar a traduzir os mesmos textos, esse tema não recebe espaço suficiente aqui para ser adequadamente analisado em uma monografia deste escopo. Em vez disso, os comentários sobre a tradução que foi feita aqui foram pensados a fim de embasar os motivos que levaram às decisões de alteração na tradução efetuada pelo Chat-GPT; podendo definir o produto dessa experiência como uma *tradução coautoral* entre a própria autora, ferramentas automatizantes (especificamente, nesse caso, o Chat-GPT, embora a prática também exija diferentes fontes de pesquisas) e, não menos relevante, o Prof. Orientador, Gerson Neumann, que, na prática, ocupou o papel essencial de um possível leitor crítico que receberia essa tradução (em verdade, versão, no sentido técnico da palavra) e se veria confuso ao tentar interpretar sentenças e ideias errôneas, considerando que os equívocos transferidos na tradução não receberam a visão minuciosa de um revisor capacitado a analisar diferentes perspectivas que levaram a tais escolhas e refletir sobre possíveis consequências que elas poderiam provocar na interpretação de potenciais leitores, além de, é claro, corrigir os erros e imperfeições que são inevitáveis.

Isso exposto, a reflexão sobre as ferramentas de tradução automatizadas, que tanto vêm sendo usadas na atualidade (uma vez que muitos indivíduos apontam o perigo para os atuais e futuros profissionais da tradução), é proposta seguindo uma abordagem, sobretudo, ética, usando, então, para esse propósito, os preceitos do antropólogo Zygmunt Bauman como embasamento teórico a legitimar o uso das novas tecnologias na prática cotidiana desses profissionais, além de

evidenciar as limitações que tais ferramentas ainda apresentam em comparação com a prática da tradução por parte de humanos.

1.2 Objeto de estudo

Para entender esses pontos de vista tomamos o aspecto autoral de uma tradução como um dos objetos de análise a guiar as reflexões sobre o ato de traduzir um texto próprio para, posteriormente, observar de forma crítica o cenário que se apresenta atualmente no campo da tradução – como ocupação profissional e tópico de pesquisa acadêmica – e abrir caminhos para a sua adaptação às novas realidades latentes. Como ponte a conectar as variadas temáticas que podem derivar das exposições mencionadas, a tradução comentada de dez poemas autorais, feita com o auxílio do Chat-GPT, é um dos focos do trabalho na proporção que é capaz de elucidar uma réplica à afirmação de que traduzir poesia é algo impossível, uma vez que traduzir poesia é, para o software, muito mais desafiador e limitante do que a tarefa de traduzir gêneros textuais com estruturas formalmente predefinidas – como formulários e receitas médicas, por exemplo.

Portanto, para explorar como as ideias expostas ao longo do capítulo 2 poderiam ocorrer empiricamente na prática tradutória, foram selecionados dez poemas escritos entre 2017 e 2018 a serem versados com o auxílio da forma gratuita do Chat-GPT 3.5 disponível no ano de 2023, no par linguístico português<>alemão. Nesse contexto, a língua alemã tem seu papel representado através da característica bilíngue da (auto)tradução e atua como fonte de questionamentos e, também, de conclusões, visto que o conhecimento e a certeza como requisitos para saber fazer e reconhecer uma boa tradução são considerados características fundamentais na definição de sua qualidade.

1.3 Metodologia

Pelo fato de as novas descobertas que originaram a criação do Chat-GPT permitirem que diversas possibilidades de resposta sejam geradas em um curto espaço de tempo, apenas editando, se necessário, os *prompts* de comando¹ e clicando no símbolo de “refazer”, se torna fácil obter uma relevante quantidade de possibilidades tradutórias para o mesmo texto. Para as traduções

¹ Em poucas palavras, prompts de comando são enunciados que definem o conteúdo a ser produzido por softwares de Inteligência Artificial.

elaboradas no capítulo 3, optou-se por fornecer ao Chat-GPT o comando diretamente em língua alemã, de maneira bem simples – *ich brauche, dass du ein paar Gedichte für mich übersetzt* –, sendo, às vezes, necessário pedir para a máquina traduzir o título especificamente, pois ela tende a cometer a falha de mantê-lo tal como foi dado. Esse recurso permite que o tradutor (humano) foque sua atenção nos pontos que apresentarem imprecisões, seja por interpretações ao pé da letra, erros específicos e frequentes – exemplos que mostram um padrão nas dificuldades que o sistema apresenta quando analisamos a tradução de maneira aprofundada – ou mesmo rebeldia do autor enquanto sujeito autotradutor, e possa se debruçar sobre os quebra-cabeças que inevitavelmente são criados na transferência do semantismo de uma língua para outra (Nunes, 2008, p. 38).

Esse método mostra-se produtivo conforme sua facilidade de acesso gratuito e praticidade na execução de qualquer tarefa a que, desde que tenha seus comandos enunciados de maneira compreensível e seja passível de ser executada pelo software, se tenha o propósito de automatizar a fim de aprimorar a forma atual de trabalhar, torná-la mais agradável e menos penosa, menos suscetível a possuir imperfeições. Desta forma, os poemas presentes neste projeto inicialmente passaram pela tradução automática da ferramenta em estudo e postumamente foram dissecados e lapidados a fim de que sua forma e seu sentido se preservassem ao serem transpostos da língua portuguesa à língua alemã.

1.4 Objetivos

Quando pensamos na experiência tradutória associada à ação do (auto)tradutor que utiliza ferramentas automatizadoras desse processo como auxílio – tema deste trabalho –, um dos temas a que essa questão se desdobra é o papel que a ética ocupa em relação ao aspecto de produção de conteúdo (autoral); neste caso, usamos uma (auto)tradução comentada como estudo de caso a suscitar reflexões em que essa discussão se faça necessária. Outro dos pontos que se quer analisar corresponde aos aspectos comuns às experiências de escrever (como ato de produzir um texto autoral) e traduzir, utilizando bibliografias provenientes ora da linguística, ora da filosofia da linguagem, ora de teóricos da tradução ainda outras linhas de pensamento, a fim de observar esse processo de acordo com ângulos e perspectivas de classes distintas, capazes de identificar quais são as qualidades e limitações do Chat-GPT no trabalho de tradução.

A escolha de traduzir textos autorais, portanto, se dá não apenas pelos motivos supracitados, mas também porque trazer um exemplo próprio para debate facilita essa tarefa na

medida em que permite fazer uma análise direta da tradução sem que fiquemos presos a direitos autorais; isso é conveniente ao estudo proposto, uma vez que a interpretação do autor sobre a sua própria obra é sempre complementada pela de um segundo leitor (como o tradutor), mas nunca pode ser desconsiderada em detrimento do outro. É inegável que a *autoridade* do autor ocupa aqui o papel principal, mas tentar-se-á não pensar nessa questão de forma central para o estudo; em vez disso, os argumentos aqui apresentados tendem a pensar na existência de dois autores – o escritor e o tradutor –, e, como veremos, sugere que ambos devem ser conscientes e responsáveis perante a tarefa da qual se ocupam.

Essa comparação se justifica porque abre a discussão sobre o ato de traduzir visto como uma atividade de *engajamento*, em contraste ao aspecto mecânico e desprovido de reflexão que pessoas sem profundo conhecimento no assunto podem considerar como definição de tradução, ao ponto de disseminarem o pânico de que o trabalho humano está fadado a ser substituído por tecnologias cada vez mais evoluídas. Tal discurso, na verdade, é fácil de ser desmentido quando se há o interesse de investigar sobre o assunto ampla, crítica e objetivamente.

Deste modo, no decorrer deste trabalho de conclusão, a ideia da figura de demiurgo, elaborada por Aristóteles, é concebida na posição de profissional especializado da tradução, consciente da necessidade de associar a reflexão à sua prática manual; em contrapartida, na dimensão do tradutor como autor que se autotraduz, serão apresentados alguns dos nomes que se destacam na bibliografia acadêmica produzida sobre a autotradução como objeto teórico, um campo ainda jovem e em expansão. Esses nomes, como, por exemplo, Jhumpa Lahiri (Costa, 2022), Yoko Tawada, João Ubaldo Ribeiro (Antunes, 2009; 2010; 2022), Samuel Beckett (Nunes, 2008), para listar alguns, correspondem a autores cujas experiências se assemelham à situação observada aqui, de maneira que a análise bibliográfica das reflexões fornecidas pelos autotradutores corrobora ao propósito de iluminar os seus aspectos em comum, específicos da autotradução, e contribui a identificar em que medida a aptidão (do tradutor) e a confiabilidade (da máquina) podem ser consideradas exigências para executar tal tarefa.

Portanto, como a amplitude do tema escolhido traz inúmeras questões para discussão, a poesia funciona como âncora a guiar um percurso labiríntico – cujas ramificações representam assuntos ainda não explorados, mas passíveis de estudo e suscetíveis a nos desviar do que é mais relevante para esse propósito –, pois a sua natureza reiteradamente intraduzível contribui para o resultado deste estudo conforme permite levantar comentários baseados no empirismo da prática

à sombra do caráter intraduzível do texto poético, inferido e justificado em decorrência da inata e característica incompreensibilidade que resulta da liberdade concedida à poesia. Em síntese, a máxima que se assume como verdadeira ao pensarmos na poesia em tradução é algo que, de certa forma, permite equiparar a aptidão e a confiabilidade de ambos tradutor e máquina e tratá-los “sob pé de igualdade”, considerando que a negativa imposta por essa premissa supostamente “anularia” qualquer possibilidade de tradução, ou seja, rotularia todas como falsas, imprecisas, insuficientes para comunicar a mensagem pretendida. Ademais, considera-se que o capítulo reservado à tradução comentada da poesia permite trazer para o primeiro plano

[...] aquilo que está além das aparências, que se esconde nas sutilezas das formas, das composições, possibilitando, por isso, a surpresa do aparecimento de algo inesperado. “[...] o acontecer estético traz uma tensão insuperável de outras formas de autoconsciência, pois nesse acontecer a consciência é contrastada com outras possibilidades e, por um momento, ficamos fora da continuidade de nossas vidas”. Essas possibilidades estéticas são possíveis pela especificidade poética que brinca/joga com as coisas, criando arranjos e composições inusitadas, capturáveis pela contemplação e pelo sensível. (Gadamer, 1999 apud Johann, 2019 p. 8)

Assim, a relação entre forma e sentido, imperativa à tradução, é o que coloca em evidência a “marcação do sujeito na estrutura linguística”, ou, em outras palavras, “a segunda forma de se marcar na língua”, de acordo com Nunes (2008, p. 44), numa perspectiva enunciativa, ao conceber que “1. toda a tradução é também uma nova enunciação; 2. a enunciação é uma tentativa de afunilamento de sentido, logo 3. toda a tradução é também uma tentativa de afunilamento de sentido” (*ibid.*, p. 45). Como exemplo, a autora cita

[...] as notas dos tradutores, que frequentemente explicitam escolhas feitas na tradução, ao optar por um termo ou por outro. Esse tipo de recurso revela a tentativa, por parte do tradutor, de controlar as interpretações que irão surgir a partir de sua tradução, sem lembrar, em contrapartida, que seu próprio texto traduzido é, por sua vez, já uma interpretação. (Nunes, 2008, p. 45)

Os comentários aqui expostos, então, embora existam primordialmente por razões didáticas e dialéticas, correspondem à tentativa metalinguística de justificar as escolhas e as metodologias de tradução – sendo essas consideradas como tentativas “de criação de condições de co-referência [que] remonta[m], na verdade, para a constituição de uma *nova* referência” (*ibid.*, p. 60, grifo da autora) –, concebendo-a como criação derivada de quem a originou (o autor da tradução); além do mais, a defesa à visibilidade ao indivíduo que se insere em uma obra para traduzi-la é uma ideia que será reiterada em vários momentos a fim de que a concepção que se tem de tradução foque no reconhecimento da complexidade comprovadamente desafiadora para aqueles que se dedicam a tornar o acesso à tradução cada vez melhor.

Como bem sintetiza Federman, o objetivo não se trata de “apenas comparar passagens nos textos-gêmeos, não apenas tomar nota de diferenças e variantes, mas chegar a uma estética do bilinguismo e autotradução, ou melhor, chegar a uma poética de tais atividades” (apud *ibid.*, p. 64, tradução nossa). As reflexões que objetivamos aqui aparecem com o intuito de mostrar como toda tradução (dada como enunciado) é, por corolário, uma criação única, de forma a tentar responder as questões formuladas por Nunes quando estudou o tradutor como uma função enunciativa: “qual é o modo singular de existência a que o sujeito promove seu enunciado? [...] como ele, ao se marcar em seu enunciado, torna-o único?” (*ibid.*, p. 65).

Isso exposto, antevemos que “a tradução [...] não é *cópia, reprodução* do original. Ela é, justamente por ser uma nova enunciação, já algo novo”; ou seja, embora o elo entre original e tradução seja inegável, esse ponto em comum “se dá pelo sentido”, de forma que segue infinitamente; contudo, no momento em que os dois textos se relacionam (são vistos lado a lado), é possível observar qual o rumo que seguem “de acordo com as leis de fidelidade na liberdade do fluxo linguístico” (Benjamin, 1992 apud *ibid.*, p. 67, tradução nossa). Por corolário, o caráter metatextual do trabalho que se apresenta busca validar o ato tradutório em alguns dos incontáveis prismas que sua existência é reconhecida – filosófico, linguístico, antropológico, artificial,... – e, como decorrência disso, produzir material que surja como aparato científico a sustentar potenciais futuras pesquisas que venham a ser influenciadas pelo tema deste trabalho e se dediquem a pensar nesse assunto com pontos de vista além dos explorados aqui, comprovando sua relevância pelo forte potencial do tema para estender a discussão *ad infinitum*.

2 AUTORIA E TRADUÇÃO EM DISCUSSÃO

2.1 Sobre a tradução na autoria

É difícil, no escopo deste trabalho, fazer uma diferenciação entre a tradução e a autoria e tratar cada temática isoladamente. Aqui, a questão autoral está intimamente entrelaçada à prática tradutória de maneira literal (propriamente dita), ou seja, além da concepção tida pela filosofia da linguística que classifica o ato da escrita como a interpretação de pensamentos próprios e abstratos para uma linguagem verbal empírica. Sem abrir mão deste pensamento, tomamos essa criação como interpretação primeira, no sentido intersemiótico jakobsoniano, a guiar a interpretação segunda, a “propriamente dita”, entre dois sistemas de língua. Neste sentido, a ideia de tradução na autoria é pensada como uma maneira de discorrer sobre o ato de ter um texto autoral traduzido, independentemente de quem, ou o que, o traduziu.

Logo, a incumbência de definir o conceito de autotraduzir-se se apresenta na forma de um labirinto sinuoso porque o processo em foco não parece, na verdade, muito diferente daquele empregado na tradução de um texto não autoral – isto é, para quem já está familiarizado com as reflexões necessárias ao ato de traduzir e fazem disso sua prática cotidiana e/ou profissional. O que se destaca como diferencial nas concepções de tradução e autotradução relatadas, entretanto, é a tentação que o autor sente em fazer mudanças no que foi inicialmente escrito, seja com o intuito de melhorar ou porque, ao fazer uma releitura de si mesmo, percebe que o que fazia sentido na época em que o texto foi escrito já não faz mais no momento em que é traduzido. Tal ímpeto é relatado pelas mais diversas fontes, como, por exemplo, a autora Jhumpa Lahiri:

Como observa a autora, para o escritor que toma a decisão de traduzir a sua própria obra, o perigo é óbvio, pois em meio a esse processo haverá a “tentação”, a oportunidade de o escritor retomar seu texto. Isso pode ocorrer, por várias razões, como, por exemplo, quando o autor tem a intenção de implementar melhorias em seu texto. [...] Ou, como descreve Lahiri, “a autotradução oferece um segundo ato para um livro, mas [...] esse segundo ato diz respeito menos à versão traduzida do que ao original, que agora é reajustado e realinhado graças ao processo de desmontagem e remontagem” (Lahiri, 2021, apud Costa, 2022, p. 79-80)

A distinção no tratamento desse desejo de interferir, consequência natural de interpretar um texto em outra língua, pode ser observada de forma objetiva na maneira que ao tradutor é categoricamente vedado qualquer tipo de interferência que não tenha como o objetivo ser fiel ao texto de partida, ao passo que essa mesma vontade é neutralizada e encorajada ao autor que traduz

a si mesmo, dando razão e defendendo que esta representaria uma “verdadeira tradução”² ou então, segundo Haroldo de Campos, um novo texto que complementa a leitura do texto inicial (apud Martins, 2018). A permissividade concedida ao autotradutor para manipular o texto da forma que desejar afunila, em parte, as considerações que podemos usar como exemplos de traduções vistas em comparação, pois não há a intenção de reprimir o caráter singular da autotradução em relação a suas peculiaridades no âmbito dos estudos de tradução, em detrimento de focar em regras, ensinamentos e limites que acompanham a formação de um tradutor e definem o que são as qualidades de uma tradução.

No artigo “As Contribuições de André Lefevere e Lawrence Venuti para a Teoria da Tradução”, Márcia Martins aponta que

Lefevere e Susan Bassnett [...] associam tradução à manipulação quando afirmam que a tradução é uma reescrita de um texto original, e que, como toda reescrita, independentemente da intenção com que foi produzida, reflete uma ideologia e uma poética, manipulando assim a literatura para funcionar na sociedade de uma certa maneira. (Martins, 2010, p. 62)

E, usando as palavras de André Lefevere, esclarece:

(re)escrita é manipulação, realizada a serviço do poder, e em seu aspecto positivo pode ajudar no desenvolvimento de uma literatura e de uma sociedade. As reescritas podem introduzir novos conceitos, novos gêneros, novos recursos, e a história da tradução é também a história da inovação literária, do poder formador de uma cultura sobre outra. Mas a reescrita também pode reprimir a inovação, distorcer e controlar, e em uma época de crescente manipulação de todos os tipos, o estudo dos processos de manipulação da literatura, exemplificado pela tradução, pode nos ajudar a adquirir maior consciência a respeito do mundo em que vivemos. (Lefevere, 1992, p. vii apud *ibid.*, p. 62)

Embora não seja identificado nenhum ponto de discórdia em relação a esses argumentos, a estratégia associativa que vem sido empregada ao decorrer dessa exposição nos possibilita questionar se tal manipulação não seria mais adequadamente definida como o efeito decorrente da “marcação do sujeito no enunciado”, característica inerente do texto traduzido cuja existência independe das explicações lógicas e conscientes que o tradutor concebe como subterfúgios para justificar as escolhas feitas a fim de manipular o texto de acordo com a interpretação que dele se pretenda reproduzir. Tal afirmação significaria dizer que a “manipulação” procedente da reescrita é, antes de uma decisão consciente, resultado da forma como o tradutor está habituado a lidar com a atividade de interpretação em contextos que envolvam tradução. O que justifica essa hipótese no âmbito deste trabalho é a consideração do hábito – entendido como o conhecimento interiorizado

² Entendida por Anton Popovic como uma “tradução autorizada” de acordo com a exposição do autor como “autoridade absoluta e singular” (1985, p. 19 apud Antunes, 2002, p. 64)

fruto da repetição, da experiência e da prática – como um fator que define a capacidade intelectual de manipular uma reescrita conscientemente; afinal, apesar de a manipulação ser concebida como inevitável a qualquer interpretação, o conhecimento adquirido com o hábito admite que se planeje como essa manipulação vai ocorrer para que dela surjam os efeitos desejados.

Por outro lado, o argumento dos teóricos mencionados acerca da tradução como reescrita é utilizado por Andréa da Costa no seu artigo sobre a autotradução de Jhumpa Lahiri, ao justificar “o desejo de produzir uma outra versão de si ‘do mesmo modo que [...] poderia transformar um texto de uma língua para outra’” (Lahiri, 2017, p. 66 apud Costa 2022, p. 78). Além dos estudos de Lefevere, Costa também traz a visão de Berman sobre a reescrita alegando que:

[...] parece inevitável pensarmos que a possibilidade de uma retomada textual a partir da autotradução impulse ao caminho da reescrita, como um resultado do esforço tradutório que, inegavelmente, é acompanhado pela recriação, de forma similar, por exemplo, ao que sustenta André Lefevere (2006) ao se reportar ao ato da tradução literária. Nessa linha, [...] Antoine Berman (1984), imprimindo valor ao ato da tradução, defende que esse tradutor profissional se percebe como um escritor, quando na verdade ele é um reescritor. Por extensão, entendemos que é o que ocorre com quem se autotraduz. (*ibid.*, p. 78)

A este ponto já podemos entender que o que tanto se afirma a respeito da tradução como reescrita está ligado ao âmbito literário quase que exclusivamente. Do ponto de vista linguístico, Theo Hermans (1985) argumenta que:

A linguística sem dúvida aumentou nossa compreensão da tradução no que diz respeito ao tratamento de textos não marcados e não literários. Mas na medida em que a disciplina se mostrou restrita demais para ser útil aos estudos literários em geral – haja vista as tentativas frenéticas observadas nos últimos anos de se construir uma linguística textual – e incapaz de lidar com as inúmeras complexidades das obras literárias, ficou evidente que ela também não poderia fornecer uma base adequada para o estudo das traduções literárias. (p. 10 apud Martins, 2010, p. 62)

Deste modo, conclui-se que ainda hoje não há um consenso sobre o que se entende sobre a tradução literária. No seu trabalho “O tradutor como função enunciativa”, Paula Ávila Nunes introduz o tema com a citação de George Steiner que diz: “Um ser humano realiza um ato de tradução, no pleno sentido da palavra, quando recebe uma mensagem verbal de qualquer outro ser humano” (1998, p. 48 apud Nunes, 2008, p. 8). Essa afirmação contrasta com a informação que a autora traz quando anuncia a autotradução como “uma subdivisão da tradução interlinguística”, no sentido postulado por Jakobson. Nunes então analisa a autotradução sob a ótica da Teoria da Enunciação, de Émile Benveniste, para pensar no autor e no tradutor como questão principal no que diz respeito à reprodução de uma obra literária.

Confrontando a visão do tradutor como “*modificador* ou *arranjador* do texto original” (*ibid.*, p. 16, grifos da autora), a concepção do autotradutor surge positivamente, pois

A “mera presença do autor” como tradutor garante a confiabilidade do texto, algo absolutamente renegado quando o tradutor e o autor não são a mesma pessoa [...] somente um autotradutor pode exercer alterações no texto original, uma vez que se trata de *seu* próprio texto. Dessa forma, o estatuto mesmo da autotradução adquire uma dimensão diferente: ela, e somente ela [a autotradução], neste ponto de vista, permite a *criação*. (*ibid.*, p. 18)

Além disso, novamente vemos a característica comum a grande parte dos estudos sobre autotradução quando Nunes menciona o fator “criação”:

[...] O cotejo entre o texto original e o texto traduzido permitirá também uma investigação acerca do papel do autor quando traduz. Exercerá ele, na maioria das vezes, o papel do autor inserindo modificações costumeiramente negadas ao tradutor? Ou o autor exercerá o papel de tradutor, afirmando a autoridade do texto em detrimento de sua própria autoridade sobre o original? (Antunes, 2007, p. 82 apud *ibid.*, p. 21)

Dessa forma, analisando a obra de Samuel Beckett, a autora aponta a visão que ele possuía sobre a tradução: uma batalha sempre perdida. Logo, a consideração desse trabalho como “um texto teoricamente *intraduzível*”, leva a concluir “que a autotradução seja vista [...] como uma forma de lapidação do texto original, uma tentativa de melhorá-lo, de forma a atingir um utópico texto perfeito [...] a tradução funciona como um *suplemento* para o texto original” (Cohn, 1961; Connor, 1989; Fitch, 1988; St-Pierre, 1996 apud *ibid.*, p. 24, grifos da autora). No que se aplica ao nosso trabalho, vemos que essa ideia procede como premissa verdadeira quanto às autotraduções de alguns dos poemas apresentadas no capítulo 3.

Ainda pensando na tradução pelo viés enunciativo,

[...] todas as definições [de tradução] propostas são engendradas a partir do ato de interpretar. [...] se há o sujeito que escreve o original, há também o sujeito que traduz, e tal atividade só é possível porque há interpretação. A própria relação intersubjetiva, seja ela na mesma língua ou em línguas diferentes, pressupõe e requer interpretação. Mais que isso, a interpretação depende diretamente da inserção do sujeito em uma dada língua, uma vez que “os fatos são diferentes para pessoas cuja formação linguística lhes fornece uma formulação diferente para expressar tais fatos”. (Jakobson, 2003, p. 235 apud *ibid.*, p. 33)

Assim, abordamos aqui a questão da autoria como a tradução primeira, produto da interpretação que o autor tem consigo mesmo de suas ideias, e a questão da tradução “propriamente dita”, como tradução segunda, por assim dizer, uma vez que ambas as atividades exigem interpretação, e a natureza de uma não é muito distante da outra. Como possível complemento a essa definição, podemos entender o argumento do filósofo Hans-Georg Gadamer a exemplificar um tipo de tradução que ocorre quando o leitor acessa o texto, seja ele traduzido ou não:

Nas obras *Verdade e Método* (1999, 2004), Gadamer trata da interpretação como um momento em que horizontes de sentidos se fundem e possibilitam novas compreensões acerca de algo. Por isso, a verdade a que se chega por intermédio da leitura não está exclusivamente no texto e tampouco no intérprete, mas, sim, na circunstância histórica em que ocorre, quando intérprete e obra se encontram; quando há uma disposição de compreender. Fusão de horizontes quer dizer, então, que o horizonte histórico da obra se encontra com o do intérprete, e esses diferentes horizontes trazem consigo aspectos próprios que se fundem e se atualizam em direção de cada ato interpretativo. Por isso, cada vez que acessamos a obra/texto é como se estivéssemos perfazendo novamente o percurso histórico do autor e da própria obra, contudo em nosso próprio horizonte e contexto, que também é histórico e tecido nas intersubjetividades dialógicas. (apud Johann, 2019, p. 6, grifos nossos)

Esse aspecto da tradução como interpretação é sintetizado por Nunes quando apresenta duas formulações sobre o tema:

- a) A interpretação é a condição fundante da tradução: não há tradução que não envolva o interpretar e a própria interpretação já é uma tradução;
- b) A interpretação só é possível pela traduzibilidade, ou seja, pelo fato de que, em todas as línguas há sempre um modo de representar uma ideia. (Nunes, 2008, p. 35)

A partir deste entendimento da tradução como um produto do processo interpretativo tal qual o processo de dar vida a uma obra e variados pensamentos, concluímos que o tradutor é quase tão autor quanto o próprio, uma vez que o “conteúdo” a ser traduzido foi dado externamente e passa pelo seu filtro interpretativo pessoal, podendo a partir dele ser trabalhado de maneira intralingual – isto é, produzindo uma reformulação – ou interlingual; enquanto o processo que ocorre quando um autor traduz um pensamento em palavras é entendido pelo mesmo viés, com a diferença de que a interpretação que ocorre nesse fenômeno corresponde à tradução intersemiótica de algo abstrato para uma linguagem verbal. Dessa forma, a *reescrita* resultante da interpretação segunda faz com que o autor que se autotraduz seja, por assim dizer, autor duas vezes.

2.2 Sobre a autoria na tradução

De acordo com o postulado acima, concebemos o texto traduzido como uma nova criação, não necessariamente uma “cópia” em outra língua, de forma que seu autor será o tradutor que o interpretou. Com isso surge a questão da “autenticidade” de uma obra “imutável” – que não sofreu alterações por perspectivas que induzem a interpretações não desejadas, ou, melhor, não planejadas pelo autor durante sua elaboração – como algo que peremptoriamente se procura manter ao traduzir. Isso não impede que teóricos como Hans-Georg Gadamer, Lawrence Venuti e outros acreditem ser também a tradução um trabalho autoral, uma vez que o esforço empreendido visando preservar a autenticidade da obra também é um trabalho de interpretação e *engajamento*.

Para justificar essa visão, Abes apoia-se nos fenômenos abordados por Venuti (1995) com o objetivo de defender a posição autoral do tradutor em trazer ao texto traduzido o estranhamento necessário para levar o leitor ao autor com a percepção da sua presença intermediadora:

[...] o critério de que a boa tradução deva produzir um texto cuja leitura seja fluente, o que elimina as peculiaridades linguísticas ou estilísticas, focando sobretudo o sentido do texto de partida, resultando numa transparência, na sensação de se estar lendo um original na língua materna [...] a invisibilidade do tradutor, portanto, é em parte um efeito estranho de sua manipulação da língua, um autoaniquilamento que resulta do próprio ato da tradução [...] Para contrapor-se a ela, Venuti (1995) propõe o recurso à “fidelidade abusiva”, que implica uma rejeição da fluência que domina a tradução contemporânea em prol de uma estratégia oposta, de resistência, que impede o efeito ilusionista de transparência no texto traduzido e torna visível o trabalho do tradutor, que tem função política e cultural, e ajuda a preservar a diferença linguística e cultural do texto estrangeiro ao produzir traduções estranhas, pouco familiares, que demarcam os limites dos valores dominantes na cultura da língua-meta e que evitam que esses valores promovam uma domesticação imperialista do Outro. (Abes, 2022, p. 7)

Com o propósito de reverter a invisibilidade do tradutor e priorizar uma “ética da tradução voltada para o acolhimento do estrangeiro”, Abes associa o ato de traduzir à noção autoral do gesto tradutório. Segundo ele:

[...] é impossível negar que o ofício do tradutor exige um alto nível de recriação e de leitura crítica. Como disse Britto, “toda tradução [literária] é, por definição, uma operação radical de reescrita”. Portanto, a respeito da questão autoral, a meu ver, se “o tradutor não é o autor [...] o tradutor é um autor que reescreve um texto alheio, novo texto que passa a ser também seu” (Britto, 2012, p. 67 apud *ibid.*, p. 8)

Acerca do mesmo tema argumenta Hans-Georg Gadamer quando utiliza a noção da intraduzibilidade poética para supor novas e variadas interpretações criadas pelo tradutor no seu fazer. De acordo com ele, “É através da interpretação que o compreender impõe seu caráter linguístico, tornando-se ‘uma apropriação do que foi dito, de maneira que se converta em propriedade de alguém’” (Gadamer, 2004, p. 402 apud Picoli, 2013, p. 102).

No entanto, quando o autor é, ao mesmo tempo, o criador do texto e de sua respectiva tradução, ela, por consequência, recebe, teoricamente, mais respeito por ser considerada autêntica e mais fiel do que uma traduzida por terceiros. O próprio João Ubaldo Ribeiro, autor bastante mencionado quando o assunto é autotradução no cenário literário nacional, assume não ter sido fluente na língua inglesa quando traduziu o seu *Sargento Getúlio*, mas que frequentemente telefonava aos seus amigos americanos quando se deparava com termos que não tinha certeza de como interpretar na língua de chegada (Antunes, 2009); além disso, o romancista baiano

[...] introduziu duas outras ideias significativas: o tradutor como profissional a quem é permitido acrescentar fluência à tradução e o copidesque como o agente que introduz

alterações e modifica o trabalho de outro profissional, por assim dizer. Ou seja, João Ubaldo atribui à tarefa do tradutor a obrigação da clareza ou facilidade de leitura. Já ao copidesque, alinha-se a tradutores, que afirmam que o copidesque altera o texto traduzido “mudando trechos e termos, [...], traduzindo de novo, editando” na tentativa de tornar o trabalho final do tradutor, melhor. [...] autor-tradutor brasileiro se diferencia dos dois profissionais, tradutor e copidesque, e se posiciona como o autor, que não pode introduzir alterações, e que tem a responsabilidade de repetir na autotradução o mesmo texto original, ainda que tal tarefa seja impossível. (Anderson, 2015 p. 50 apud Antunes, 2022, p. 67)

Em contraste com a ideia de originalidade, inquestionavelmente associada ao conceito de autoria, a tradução recebe, na maioria das vezes, a classificação de cópia, algo menos relevante que a primeira versão escrita de determinado texto. Essa concepção recebe um caráter mais pejorativo quando o texto foi traduzido por um profissional “sem nome” no mercado, sem formação na área e com o uso de ferramentas digitais em sua prática tradutória.

A forma que Abes aborda a questão da “invisibilidade do tradutor” associando a profissão do tradutor a um “artífice” (conceito primeiramente elaborado no período clássico grego por Platão, com a denominação de *demiurgo*, e posteriormente por Aristóteles, que faz o uso da palavra *cheirotechnon*, cujo significado se resumiria a “trabalhador manual”) acrescenta à identidade desse profissional a peculiar característica que distingue a natureza edificadora do seu ofício da preconcebida noção de tradução como atividade mecânica. À época em que os termos mencionados começaram a ser registrados, eram considerados artífices os trabalhadores técnicos de especializações menos privilegiadas, como artesãos, divulgadores de notícias, cantores, arquitetos, médicos de baixo escalão, etc., e compunham tanto a aristocracia quanto grupos de escravos com capacitação técnica, responsáveis pela maior parte do trabalho. Para ilustrar a ideia conceituada que se tinha do demiurgo, Abes traz o Hino a Hefesto, de Platão, que valoriza os “gloriosos ofícios” ensinados por Hefesto a homens “incivilizados”, que com sua instrução foram capazes de viver confortavelmente; “*Nessa sociedade arcaica, o hino homenageava como civilizadores aqueles que associavam a cabeça às mãos*” (Abes, 2022, p. 10, grifo nosso).

Embora em Aristóteles o respeito ao ofício dos demiurgos tenha perdido sua força e sido reduzido à sua condição manual, ainda dentro do cenário filosófico de Platão, Abes chama atenção para as palavras “*poiein*” e “*arete*” – “fazer” e “qualidade”, respectivamente (vale mencionar que *poiein* também deu origem a “poesia”) –, citadas em *O Banquete*, para justificar o conceito de habilidade. Diante desta questão, Abes argumenta que:

Entre Platão e Aristóteles, algo aconteceu, e o artífice [...] perdeu seu valor de edificador da comunidade por conta da desvalorização de seu fazer ligado à maestria, habilidade e busca de perfeição, de uma dissociação do *poiein*. Por algum motivo, o ofício do tradutor

ficou marcado pelos limites do *cheirotechnon*: por um lado, por conta de uma visão redutora do trabalhador manual e igualmente, por outro lado, de uma associação de seu ofício com esse aspecto mecânico atribuído ao artesão. (*ibid.*, p. 11)

Considerando o conceito de habilidade caracterizado por Platão como a capacidade de *fazer com qualidade*, ou seja, buscando sempre o aperfeiçoamento, usando sua aptidão reflexiva como diferencial na sua função, podemos definir as primeiras lacunas dos métodos automatizados disponíveis na atualidade. Ainda no artigo de Abes, somos apresentados à discussão do sociólogo Richard Sennett sobre “a decadência da figura do artífice na sociedade” associada à “separação da cabeça e da mão” (*ibid.*, p. 9). Com relação ao ofício do tradutor, Abes apresenta um argumento de Sennett expondo que:

o artífice é capaz de criatividade através do que chama de “saltos intuitivos” da imaginação, que testemunhariam da reflexão conduzida no quadro de um trabalho técnico e que são possíveis apenas se o artífice é dotado de uma “consciência material”, ou seja, uma consciência de sua aptidão para modificar as coisas. A intuição na origem da criação nasceria então da frustração que surgiu dos limites de uma ferramenta; ou seria ainda provocada pelas suas possibilidades inexploradas. (*ibid.*, p. 11)

Isso exposto, nos aproximamos a um dos temas principais deste trabalho, referente ao impacto que o avanço da tecnologia impõe sobre o fazer tradutório e como isso afeta não só a prática, mas também o mercado de trabalho. Para tanto, tomemos ciência da distinção feita por Hannah Arendt, à semelhança de Sennett, acerca da separação entre os dois aspectos que envolvem o trabalho, i.e., “a separação intelectual e social entre a cabeça e a mão, entre o *animal laborens* (o trabalhador que, absorto em sua tarefa, não possui moral) e o *Homo faber* (capaz de julgar de maneira ética seu trabalho)” (*ibid.*, p. 11) em conjunto com a afirmação de Berman (2013) de que “o ato tradutório jamais pode prescindir a reflexão: visão que nada tem da atividade puramente mecânica ou inconsciente”, como argumentos que permitem concluir que:

[...] a tradução não pode ser um gesto instrumental, mecânico, porque exige, para além de uma profunda reflexão para solucionar problemas tradutórios, um estreitamento entre corpo e intelecto, um maior domínio do gesto na consciência que se tem do objeto em um íntimo comércio entre a mão e a cabeça. (*ibid.*, p. 11)

O reconhecimento da experiência e da prática à profissão do tradutor, assim como a associação do casamento entre a mão e a cabeça no seu fazer tradutório, é o que confere legitimidade ao fazer criativo e reflexivo do profissional que traduz. A “origem do fazer do artífice na palavra *poiein*, sua habilidade em fazer, a partir de sua imaginação, sua busca por excelência, seu engajamento” é o que deve estar consciente na mente do tradutor perante a sua responsabilidade ao traduzir, assim como ocorre no fazer poético. Abes finaliza sua exposição

defendendo que se deve “evidenciar a complexidade do ofício para valorizar a profissão do tradutor e da tradutora, sua *masterstvo* [maestria, ofício, destreza, etc.], para evitar a associação do ofício a um fazer mecânico, certamente reforçado por programas de tradução automática” (*ibid.*, p. 12-13), justamente o caso que tratamos aqui.

Ainda é válido mencionar outras características que, em nossa opinião, são essenciais na formação de um tradutor apto, a saber, as capacidades de ser interpretante e pensar metalinguisticamente. Tal questão é abordada por Nunes como o “único sistema semiótico capaz de representar outro sistema”, o que abre portas para pensarmos na noção de que não traduzimos *línguas*, mas *textos*, no sentido de que é impossível haver equivalentes idênticos em ambas as línguas:

“temos perfeita noção na impossibilidade de um signo ocupar, na sua própria língua, o mesmo lugar que ocupa, na dele, o signo pelo qual pretendemos traduzi-lo.” Ou seja, dados aspectos linguísticos, culturais, sociais, etc., um signo não ocupa, na língua de origem, o mesmo lugar que um signo equivalente ocupa no sistema da língua na qual será traduzido. É o que Hagège ressalta ao afirmar que, quando traduzimos, passamos pela “realidade designada”. [...] A afirmação de que o que se traduz não são línguas pode muito bem ser correlacionada ao pensamento benvenistiano, para quem “não se pode traduzir o semioticismo de uma língua para o de uma outra”, o que Benveniste chama de o “impossível da tradução”. Inclusive, se considerarmos que, ao se referir a texto, Hagège remete a um modo de produção de sentidos, poderíamos, novamente, aproximá-lo de Benveniste. Para o último, se o “impossível” da tradução reside na transposição do *semioticismo* de uma língua para o de outra, o “possível” da tradução está na transferência do *semantismo*. Em outras palavras: ainda que não seja possível traduzir as oposições inerentes ao sistema linguístico de dada língua para outra, é possível a tradução do sentido, ou, pelo menos, uma tentativa de tradução, que Hagège vê viabilizada no texto. (Hagège, 1985, p. 45 apud Nunes, 2008, p. 37-38, grifos da autora)

Tais concepções permitem que adotemos a concepção de que o tradutor também é autor da obra justamente porque seria impossível fazer a mesma obra em línguas distintas; essas mudanças inevitáveis, no entanto, são frequentemente vistas e associadas a perdas e defeitos, culpa que sempre recai no tradutor. Essa perspectiva permite inferirmos que a figura do tradutor seria considerada de prestígio contanto que este prove possuir vasto conhecimento sobre a língua e, assim, capacidade, ou autoridade, para fazer escolhas adequadas ao seu contexto tradutório.

Por esse viés, a suposição de que uma tradução será validada positivamente no ambiente literário quando o tradutor for encorajado a aplicar sua *criatividade* para encontrar maneiras de driblar incompatibilidades entre sistemas de línguas aparenta, até então, corroborar para o fio condutor deste estudo. Em defesa dessa visão, acrescentamos a observação de Pascale Casanova em seu livro *A República Mundial das Letras*:

A tradução é a grande instância de consagração específica do universo literário. Desdenhada como tal por sua aparente neutralidade, ela é, contudo, a via de acesso principal a todos os escritores “excêntricos”: é uma forma de reconhecimento literário e

não uma simples mudança de língua, puro intercâmbio horizontal que se poderia (deveria) quantificar para tomar conhecimento do volume das transações editoriais no mundo. A tradução é, ao contrário, o maior desafio e a maior rivalidade universal entre os jogadores, umas das formas específicas de luta no espaço literário internacional, posição do tradutor e do texto traduzido, isto é [...], segundo a posição da língua “fonte” e da língua “alvo”. (Casanova, 2002, p. 169)

Dessa forma, no que diz respeito ao cenário da tradução no território brasileiro, é interessante pensar não apenas nos tradutores que se destacaram exclusivamente por difundir obras de excelência, como Herbert Caro, responsável por tornar acessível aos falantes de português grande parte da obra de Thomas Mann; mas também naqueles como Mario Quintana, Lya Luft e Clarice Lispector, para citar alguns, que se destacaram no Brasil de forma mais acentuada pela sua produção literária, e secundariamente pelas obras que traduziram. Nesse caso, é válido pressupor que o fator determinante que os consolidou como bons tradutores está associado à íntima relação que todos tinham com a linguagem em diferentes aspectos de suas vidas. Embora Mario e Clarice não tenham feito cursos especializantes em línguas, ambos começaram suas carreiras trabalhando em jornais e publicaram seus primeiros livros ainda jovens, ficando rapidamente famosos pela habilidade com as palavras. Já Herbert Caro e Lya Luft, além de ambos terem obtido formação em cursos de Letras, ele, falante nativo de alemão, estudou línguas romanas na Universidade de Dijon, na França, e ela, nascida em família alemã, se formou em Pedagogia e línguas anglo-germânicas, posteriormente expandindo seus estudos até se tornar professora de linguística no ensino superior e traduzir os autores alemães que mais se tornaram conhecidos no Brasil, como Rainer Maria Rilke, Hermann Hesse, Günter Grass e Thomas Mann, para citar alguns.

No livro *Palavra de Tradutor*, temos um compilado de artigos de vários tradutores sobre o seu fazer, como, por exemplo, “Traduzir procurando não trair”, de Clarice; nele, a prestigiada autora argumenta a favor de “uma adaptação mais livre como ponte entre diferentes códigos linguísticos” (Martins, 2018, p. 40) e comenta que “o autor, ao finalizar um longo processo de criação, terá se transformado em outro” (*ibid.*, p. 45). Em adição, a poeta e autotradutora Vera Lúcia de Oliveira comenta sobre a

constatação da impossibilidade de autotradução do texto poético. Para Oliveira, a tradução é a busca da própria casa em outra língua, é abrir uma porta que nos levará a outra, um gesto dominado por prazer e medo. As metáforas da casa e do corpo se entrecruzam com as questões de alteridade e linguística subjacentes à impossibilidade de autotradução:

A autotradução é uma aventura que nos leva para fora de nós mesmos [...] é ponte que atravessamos para sair de nossa morada e ir ao encontro do novo hóspede. [...] A tradução é caminho em direção à alteridade, caminho em que nos encontramos com esse outro e o convidamos a entrar como hóspede em nossa casa. [...] (apud *ibid.*, p. 45)

Por outro lado, Haroldo de Campos argumenta a favor da autotradução como “uma ferramenta para ler o original” (*ibid.*, p. 46) e, além disso, performa um ato de rebeldia a desafiar a concepção invisível do tradutor com a publicação de sua tradução de *Fausto* apenas com o seu próprio nome na capa, reservando o do célebre autor, Goethe, apenas para a terceira página do livro. Sobre isso,

Céline Zins assinalou que o nome do tradutor é uma representação que falta na capa, o objeto representativo da obra, [...] é o elemento de maior *visibilidade* para o público leitor. Nomear o tradutor [...] representa, para quem nomeia, fazê-lo existir, ou seja, dar existência ao duplo, o que encobre o acesso ao autor e à sua identidade verdadeira. (1984 apud *ibid.*, p. 52, grifos da autora)

Em outro artigo, a organizadora do livro supracitado, Márcia Martins, aborda de forma mais aprofundada a tese acerca da invisibilidade do tradutor:

A ideia da invisibilidade diz respeito a pelo menos dois fenômenos que se determinam mutuamente: (i) um efeito de transparência no próprio discurso, fruto da manipulação da língua de tradução feita pelo tradutor, levando os leitores a encararem a tradução de um texto estrangeiro como se este houvesse sido originalmente escrito na língua-meta; e (ii) o critério segundo o qual as traduções são produzidas e avaliadas, o que faz com que uma tradução seja considerada boa quando sua leitura é fluente, “quando a ausência de peculiaridades linguísticas ou estilísticas a faz parecer transparente, dando a impressão de refletir a personalidade ou a intenção do autor estrangeiro ou a essência do sentido do texto de partida” [...] O efeito de transparência camufla as numerosas condições sob as quais a tradução é produzida, a começar pela intervenção crucial do tradutor. Quanto mais fluente a tradução, mais invisível se torna o tradutor “e, como é lícito supor, mais visível o autor do texto estrangeiro ou o significado deste”. (p. 1 apud *idem*, 2010, p. 65-66)

O exposto acima explica o efeito autoaniquilante provocado quando a busca pela fluência e perfeição na tradução mostra-se bem-sucedida. Como profissional da área, o tradutor não tem muita liberdade para reverter o aspecto solitário do seu ofício e, por isso, a conformidade com as falhas e os problemas, como em qualquer outra ocupação, tende a ser o caminho mais convencional a ser seguido por quem permanece atuando nessa área a longo prazo. No entanto, resignar-se a pensar na tradução apenas pelos mesmos pontos de vista e se dedicar a repetir as mesmas tarefas é uma decisão contraproducente ao propósito edificante da função enquanto busca de aperfeiçoamento. Nessa reflexão insere-se também a importância da humildade como virtude a guiar o fazer tradutório não apenas a respeito de aceitar o texto de partida como autoridade em detrimento das próprias preferências, mas principalmente no que trata de reconhecer e assumir as próprias limitações diante dos vários problemas que podem surgir no cenário da tradução. O que superficialmente pode parecer uma fraqueza incontornável, na verdade, é uma abertura para descobrir novas e melhores formas de pensar sobre o próprio fazer tradutório.

2.3 Sobre a tecnologia e a ética na tradução

Para o escopo deste trabalho, a discussão proposta nesta seção deve ser vista de maneira associada à tradução enquanto ocupação profissional, algo que, como queremos explicar aqui, tem se tornado cada vez mais permissivo e, por isso, leva à errônea conclusão de que é uma tarefa simples de ser feita. Para abrir esta ideia do tradutor como trabalhador “livre” como um dos motivos que provocam o seu rebaixamento e invisibilidade, é necessário entender algumas reflexões propostas pelo antropólogo Zygmunt Bauman, no capítulo 4 de *Modernidade Líquida* (2001), sobre o Trabalho.

Pensando no mundo moderno por suas lentes, as reflexões de Bauman acerca desse tema apresentam motivos e consequências das mudanças que o desenvolvimento vem trazendo para o mundo do trabalho no âmbito das metodologias, relações e experiências ao longo das gerações. No texto “Ascensão e queda do trabalho” desse capítulo, Bauman apresenta o conceito de “trabalho” (*labour*), desde seu primeiro registro em 1776, para construir o cenário necessário a suas observações mais pertinentes em relação à necessidade de se pensar sobre o fazer profissional. Entender a “ociosidade e desenraizamento dos trabalhadores” como a “alegre sensação da libertação das capacidades humanas em geral das vexatórias e estultificantes limitações paroquiais”, ou seja, como um trabalho flutuante, “desvinculado e ‘sem senhores’” (p. 163) é uma reflexão simplista sobre a emancipação do trabalho. Na verdade:

O desmantelado “modo tradicional de vida” de que o trabalho era parte antes de sua emancipação estava para ser substituído por uma nova ordem; desta vez, porém, uma ordem pré-projetada, uma ordem “construída”, não mais o sedimento do vagar ser objetivo do destino e dos azares da história, mas produto de pensamento e ações racionais. Ao descobrir que o trabalho era a fonte da riqueza, a razão tinha que buscar, utilizar e explorar essa fonte de modo mais eficiente do que nunca. (Bauman, 2001, p. 164)

Este subcapítulo começa introduzindo essa reflexão para analisar a abordagem que buscamos aplicar quando falamos sobre o que há de mais atual e “ameaçador” nas dinâmicas com que estávamos habituados: as inteligências artificiais dominando todos os aspectos da vida humana. Quando Bauman diz que “a velha e defunta ordem deveria ser substituída por uma nova ordem, menos vulnerável e mais viável que sua antecessora”, ainda não se referia aos graves e alarmantes impactos que o rápido desenvolvimento tecnológico causaria nesse âmbito, mas aponta que “a capacidade humana de pensar, descobrir, planejar e agir” passou a focar na “construção da nova ordem” e que

A liberdade recém-descoberta deveria ser utilizada no esforço de gerar a ordenada rotina futura. Nada deveria ser deixado em seu curso caprichoso e imprevisível, ao acidente e à contingência; nada deveria ser mantido em sua forma presente, se essa forma pudesse ser aperfeiçoada e tornada mais útil e eficaz. (*ibid.*, p. 165)

Nesse cenário marcado pela mentalidade de curto prazo, pela flexibilidade e pelo fim do trabalho como o conhecemos, saturado de incertezas, “as principais fontes de lucro [...] tendem a ser, numa escala sempre em expansão, ideias e não objetos materiais” (*ibid.*, p. 173). Logo, as IAs surgem como ideias lucrativas capazes de substituir mão de obra humana, assim como facilitadoras de diversas novas e potencialmente perversas possibilidades de lucrar.

A ética neste momento é o que mais importa, porque, como uma ideia revolucionária, o seu potencial de atuação é o mesmo seja aplicado para fazer o bem quanto para o mal, a depender dos objetivos dos indivíduos que as comandam. A respeito disso, a frequente aplicação das IAs na divulgação de notícias falsas e até em grandes sistemas de crimes cibernéticos, que utilizam o seu bom desempenho criativo na execução de golpes virtuais cuja complexidade facilmente manipula o consumidor a acreditar na sua veracidade, denuncia um risco latente na medida em que não há perspectivas de como controlar as consequências inevitáveis que serão incorporadas à realidade.

Sobre outro efeito que a enorme velocidade da mudança causa na atualidade, a digressão de Bauman discorre a respeito da procrastinação como o alimento de duas forças:

Uma leva à ética do trabalho, que estimula a troca de lugares entre meios e fins e proclama a virtude do *trabalho pelo trabalho*, o adiamento do gozo como um valor em si mesmo, e, valor mais refinado do que os valores que se destinava a servir, a ética do trabalho insiste em que o adiamento se estenda indefinidamente. Outra tendência leva à estética do consumo, rebaixando o trabalho ao papel puramente subordinado e instrumental de revolver a terra (*ibid.*, p. 181)

A procrastinação, então, entra na discussão para entendermos o surgimento dessa ferramenta como o produto de um “adiamento”, não como “uma questão de displicência, indolência ou lassidão”, como se costumaria pensar, mas como “uma posição *ativa*, uma tentativa de assumir o controle da sequência de eventos e fazê-la diferente do que seria caso ficasse dócil e não se resistisse” (*ibid.*, p. 179) – ou seja, a rapidez no desenvolvimento tecnológico é resultado da decisão consciente de “adiar a satisfação” com o propósito de potencializá-la ao seu melhor.

No entanto, por mais que tenhamos o desenvolvimento tecnológico justificado pelos princípios éticos desse adiamento, vemos que suas consequências precarizaram em muito na valorização das funções que por ele foram dominadas. O desemprego estrutural que tanto assusta

o mundo moderno é algo de que não se pode fugir. A visão da perpetuidade do trabalho é vista por Bauman com olhos críticos:

Nenhuma pessoa racional esperaria passar toda sua vida, ou pelo menos boa parte dela, em uma mesma empresa. A maioria das pessoas racionais preferiria confiar as economias de toda a vida aos notoriamente arriscados fundos de investimento e companhias de seguros, que jogam nas bolsas, e não contar com as pensões que as empresas em que atualmente trabalham podem pagar. (*ibid.*, p. 190)

Traz-se aqui essa reflexão como defesa de ver a emergência da inteligência artificial como uma oportunidade de aprimorar o próprio trabalho usando-a a seu favor, e não de ser substituído por ela. “De fato, a recusa a participar do jogo nas novas regras globais é o crime a ser mais impiedosamente punido” (*ibid.*, p. 212), se esperarmos que as formas com que estivemos habituados a trabalhar até agora se mantenham as mesmas até o fim de nossas vidas, corremos o risco de ser ultrapassados por aqueles não medem esforços para tornar o trabalho cada vez mais fácil e rápido, pois “dominam os que são capazes de acelerar além da velocidade de seus opositores” (*ibid.*, p. 215).

A partir das exposições que traçaram o percurso teórico defendido até então, pode-se inferir que o espaço reservado ao tradutor no cenário atual não concebe que seja adotada uma perspectiva conservadora a respeito da forma como ele existe no mundo. As volumosas publicações que contribuem incessantemente na melhora e resolução de problemas encontrados em todas as áreas do pensamento são o resultado de um longo processo na evolução do conhecimento e, nesse aspecto, constituem uma vitória em reflexo à democratização do acesso à informação, preconizada por Gadamer como esforço ético-político da tradução, “pois ela [se] trata de um dever ético daqueles que estão em condições de fazê-la perante aqueles com os quais se compartilha e partilha a língua materna e não estão em condições de acessar a língua estrangeira” (apud Picoli, 2013, p. 122).

Logo, considera-se que a responsabilidade social do tradutor enquanto facilitador da comunicação é um lembrete e um chamado para que nos mantenhamos atualizados e abertos para continuar aprendendo e descobrindo quais as melhores formas de adaptar as mudanças a fim de tornar as coisas mais simples. Os comentários elucidados aqui propõem que a invisibilidade do tradutor é um reflexo da invisibilidade da tradução em si como consequência da facilidade ao seu acesso, proporcionado pelas novas invenções dos profissionais da tradução em conjunto com os profissionais da computação. No entanto, o resultado disso aponta para a extinção, ou, melhor,

para a obnubilação da reflexão humana acerca da tradução em prol de uma suposta perfeição que as máquinas seriam capazes de fornecer em termos de qualidade.

Pensar na tradução enquanto área de estudo em perigo é uma visão redutora dela ao seu aspecto prático, visão que foi aqui exaustivamente confrontada para defender a expansão da área como uma vitória do esforço que os tradutores vêm empenhando para torná-la cada vez mais aperfeiçoada e acessível. Em vez de pensar nesse resultado como um autoaniquilamento, este estudo busca mostrar que o papel do tradutor enquanto tal está longe de acabar, uma vez que a evolução de seus esforços não significa que esses se tornaram insignificantes, mas que continuam abrindo espaço para que a tradução seja vista com outros olhos e que, esperançosamente, a invisibilidade do tradutor seja revertida em reconhecimento e valorização enquanto edificador social.

3 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS POEMAS E SUAS TRADUÇÕES

A fim de apresentar os poemas e suas respectivas traduções, faz-se pertinente contextualizar as temáticas e os formatos em que foram primeiramente escritos, e, por conseguinte, discorrer sobre como isso me levou a usar tais estratégias de tradução.

Acerca do modo e objetivo com que estes poemas foram escritos, posso afirmar que a motivação foi comunicar sobre dilemas que uma jovem universitária experiencia durante sua passagem para a vida adulta, tentando ao máximo fazer com que fosse escrito da maneira mais impessoal possível, de modo que o leitor em potencial entendesse daquilo qualquer coisa outra além do que se quis realmente dizer. Tendo isso em consideração, já podemos antecipar que o uso do Chat-GPT, sozinho, não é capaz de traduzir satisfatoriamente algo que foi escrito com o objetivo de ser incompreensível até mesmo para a capacidade de compreensão dos seres humanos.

Quadro 1: Primeiro poema³

Júpiter em peixes na casa 3
Meus pés fundiram-se ao chão Agora deles fazem parte e conhecem toda a sua imensidão
Meus olhos fitam o asfalto com a curiosidade De quem nunca o verá em toda a sua extensão
Mas meus pés nele estão fundidos E a compreensão lhes escapa Ao meu tronco feito estaca

O primeiro poema trazido à discussão suscita o argumento de que a inteligência artificial em questão tenha, sim, capacidade de traduzir um texto de forma razoável quando a questão é fazer escolhas lexicais “ao pé da letra”, pois no conteúdo do texto não há, por assim dizer, uma tessitura que fuja à compreensão universal. Deste modo, à exceção da pontuação desnecessária ao formato de partida, não se considerou necessário fazer grandes alterações na tradução fornecida pela versão gratuita do Chat-GPT, uma vez que as rimas presentes no texto de partida não se fazem relevantes o bastante para serem preservadas em detrimento do que o poema busca apresentar como um todo. Logo, a revisão da versão fornecida pela IA resultou na tradução a seguir:

³ Todos os quadros neste trabalho foram elaborados pela autora.

Quadro 2: Traduções de Júpiter em peixes na casa 3

Tradução do Chat-GPT	Autotradução
Júpiter em peixes na casa 3	Jupiter in Fische im 3. Haus
Meine Füße verschmolzen mit dem Boden, Jetzt sind sie Teil davon und kennen seine ganze [Unendlichkeit.	Meine Füße verschmolzen mit dem Boden Jetzt sind sie Teil davon und seine <i>Unendlichkeit</i> [kennen sie im Ganzen
Meine Augen betrachten den Asphalt mit Neugier, Als ob sie ihn nie in seiner ganzen Ausdehnung [sehen würden.	Meine Augen betrachten den Asphalt mit Neugier Als ob sie ihn nie in seiner ganzen Ausdehnung [sehen würden
Aber meine Füße sind mit ihm verschmolzen, Und das Verständnis entgleitet ihnen, Zu meinem Rumpf, wie ein Pflock gemacht.	Aber meine Füße sind mit ihm verschmolzen Und das Verständnis entgleitet ihnen Zu meinem Rumpf <i>in ein Pflock umgewandelt</i>

No entanto é ainda nesse primeiro poema selecionado que se apresenta uma situação a se repetir na tradução de vários dos nove poemas seguintes. Trata-se da escolha lexical em função de revelar mais do que se quer esconder. Na escrita inicial do poema foram utilizadas expressões como “fitam o asfalto” e “tronco feito estaca” que, pela tradução automatizada, não foram traduzidas de maneira gramaticalmente errada, a decisão de traduzir de outra maneira surge da crítica estética de que *umwandeln*, cujo significado é metamorfosear, sentido usado no texto de partida, é uma escolha muito mais profunda, remetendo ao clássico *Die Verwandlung*, de Franz Kafka, do que o rotineiro verbo *machen*. Além disso, há outra troca, esta relativa à substantivação do advérbio *ganz*, que, vista superficialmente, não se veria motivo a ser corrigida, contudo, a justificativa da mudança baseia-se na entonação do “todo” dentro da imensidão.

Quadro 3: Segundo poema

Uni duni tê
Salame patê Escancara o jogo Finge não saber jogar Cara ou coroa Quero os dois [mas com uma moeda bem novinha de um real que é pra não perder de vista] Tenta não coçar Resiste Ai mas é tão bom Não alimenta a coceira Só um pouquinho Vai querer mais E mais

Emais Emai Email Ema Em Emprego Quê? Quero.
--

Partindo para o segundo poema traduzido, ainda não encontramos muitas dificuldades ou equívocos na interpretação da nossa ferramenta auxiliar em relação ao texto nas entrelinhas. O que se destaca é que este poema foi escrito usando uma linguagem simples, porém um tanto abstrata e subjetiva, e que, na tradução fornecida pela IA, foi alterada para o tratamento formal. Destarte, as únicas necessidades consideráveis de melhora, além da correção para o tratamento informal, foram relativas ao sentido que esses termos exerciam em conjunto com o todo. Ainda no que diz respeito à aprimoração da tradução, destaca-se a sugestão perspicaz do Prof. Orientador de tentar manter a aproximação feita entre os versos *Ema/ Em/ Emprego*, pelo intermédio da letra “A” final dialogando com a palavra *Arbeit*.

Quadro 4: Traduções de *Uni duni tê*

Tradução do Chat-GPT	Autotradução
Ene, mene, muh	Ene mene muh
Salami-Aufstrich	Salami-Aufstrich
Öffnen Sie den Spiel	<i>Explizitere das Spiel</i>
Tu so, als könntest du nicht spielen	Tu so, als könntest du nicht spielen
Kopf oder Zahl	<i>Krone</i> oder Kopf
Beide	Beide
[aber mit einer ganz neuen Münze	[Aber mit einer ganz neuen Münze
von einem Real	von einem Real
damit ich sie nicht aus den Augen verliere]	damit ich sie nicht aus den Augen verliere]
Versuche nicht zu kratzen	Versuche nicht zu kratzen
Widerstehe	Widerstehe
Oh, aber es ist so gut	Oh, aber es ist so gut
Speisen Sie den Juckreiz nicht	<i>Speis</i> den Juckreiz nicht
Nur ein bisschen	Nur ein bisschen
Sie werden mehr wollen	<i>Du wirst</i> mehr wollen
Und mehr	Und mehr
Und mehr	Und mehr
Und mehr	Und mehr
Email	Email
Ema	Ema
Em	Em
Arbeit	A-
Was?	Arbeit
Will.	Was?
	Will.

Esse poema, assim como o que se segue, foi um dos que motivaram o tema deste trabalho de conclusão por, como autora, me questionar como se traduziria a metáfora de olhar nos olhos da moeda de um real. Na busca da equivalência perfeita, foi feita a busca numismática que corresponderia ao busto de mulher, pendendo, por um instante, para versar “mas uma moeda bem novinha/ de um real” como: *einem oldien Zweieurostück/ von Österreich*, porque, ao contrário do Brasil, na União Europeia cada país tem seus próprios símbolos estampados no dinheiro que produz e, por mais que existam outros países que estampem suas moedas com rostos de mulher, a moeda de dois euros da Áustria, estampada pela escritora, pacifista e ganhadora do Prêmio Nobel austríaca Bertha von Suttner, é a única que possui a face de mulher com os olhos direcionados para frente, de forma que é possível olhar cara a cara – ou olho no olho – com o amuleto. No entanto, depois de muito refletir a respeito da domesticação e estrangeirização na tradução ao longo do curso de Letras, percebeu-se que o melhor caminho sempre seria respeitar a geografia do poema, independentemente de ser dona dele.

Nesse caso, e em diversos outros, quando foi preciso reprimir o desejo autoral de mudar o próprio texto na sua tradução, na tentativa de criar um sentido que se equiparasse àquele dentro do sistema linguístico germânico, notamos que se reforçou o constatado por Abes no seu artigo, quando apontou “os limites da estrangeirização do texto traduzido como estratégia ética para dar visibilidade ao tradutor” (Abes, 2022, p. 5). O exemplo serve como ilustração da decisão deliberativa de seguir um dos principais princípios da tradução e, por consequência, dos tradutores: o respeito ao original.

Para anunciar o terceiro poema traduzido, ressalta-se que esse foi um dos grandes influenciadores à vontade, ou à necessidade, sentida para traduzir algo autoral. A coisa mais importante aqui é que a personagem principal, a Baleia, fosse tratada no gênero feminino, pois do contrário a metáfora que se criou sobre o nariz como órgão sexual feminino seria perdida, uma vez que na língua alemã, por baleia ser uma palavra com artigo masculino – *der Wal* –, traduzir como *weibliche Wal* ou utilizar o recurso, permitido na poesia, de desrespeitar valores gramaticais não traria – na visão de escritora e autotradutora – o mesmo efeito intencionado. Para resolver o problema imposto pela natureza de cada língua, a solução encontrada foi neutralizar e, ao mesmo tempo, criar um diminutivo, o que foi um grande ganho para a carga semântica do poema.

representa a sensação de ter que se conformar, repetidamente, com decepções amorosas. A maneira encontrada para se tentar preservar a sensação de choque e estranhamento com a dualidade entre saúde e doença, vida e morte, esperança e resignação, foi ajustar tempos verbais e conectores para que cada verso comunicasse o apenas essencial de maneira cortante e possuísse apenas a informação que a ele pertence. No poema em sua versão inicial, essas características aparecem na maneira como o plural e a conjugação gramatical do pronome “tu” não são respeitados, mas principalmente na repetição e no abuso de pontos finais, algo que geralmente não é usado nos poemas trazidos aqui.

Quadro 7: Quarto poema

Nicotina
<p>Tu é meu câncer e a minha cura. Tu é a minha morte e eu sempre quis morrer. Tu é o meu oposto mesmo que igual Não, eu é que sempre fui a morte e tu Tu me matou com um sopro de vida.</p> <p>Antes de ti, eu era uma com o todo Sentia-me sozinha pois só tive cachorro Não tinha pai, não. Não tenho colo de pai, não Porque cachorro não sabe dar colo, não Cachorro morde.</p> <p>Esvaziei, sequei, pequei, abandonei Não mais do que fui Abandonada. Fumei. Fumo.</p>

Na tradução deste poema a primeira mudança relevante que identificamos é a perda do duplo sentido que se buscou ao escrever “[...] sempre fui a morte e tu”, de forma que o interlocutor é tanto o sujeito do verso abaixo, quanto o predicado de onde está; “*bin immer der Tod und dir gewesen*” nunca teria a mesma força que a colocação recebe quando em português, logo, a força fica na ênfase de um verso com duas palavras. Além disso, na segunda estrofe trocamos *alle* por *Ganzheit*, por motivos filosóficos do que seria considerado o “todo”, e o uso do singular pelo plural, uma vez que o poema original não segue regras gramaticais e as enunciações de “cachorro” se referem à classe de cachorros.

Quadro 8: Traduções de *Nicotina*

Tradução do Chat-GPT	Autotradução
<p style="text-align: center;">Nikotin</p> <p>Du bist mein Krebs und meine Heilung. Du bist mein Tod, und ich habe immer sterben wollen. Du bist mein Gegenteil, obwohl gleich Nein, ich war immer der Tod, und du hast mich mit einem Hauch Leben getötet.</p> <p>Vor dir war ich eins mit allem Fühlte mich einsam, denn ich hatte nur einen Hund Ich hatte keinen Vater, nein. Ich habe keinen Vater-Schoß, nein Weil Hunde keinen Schoß geben können, nein Hunde beißen.</p> <p>Ich habe mich entleert, ausgetrocknet, gesündigt, verlassen Nicht mehr, als ich verlassen wurde. Ich habe geraucht. Ich rauche.</p>	<p style="text-align: center;">Nikotin</p> <p>Du bist mein Krebs und meine Heilung. Du bist mein Tod und <i>schon immer wollte ich sterben.</i> Du bist mein Gegenteil, obwohl gleich Nein, <i>ich selbst bin immer der Tod gewesen und du</i> Du hast mich mit einem Hauch Leben getötet.</p> <p>Vor dir war ich <i>eins mit der Ganzheit</i> Fühlte mich einsam, <i>da ich nur Hunde hatte</i> Ich hatte keinen Vater, nein. Ich habe keinen Vaters Schoß, nein Weil Hunde keinen Schoß geben können, nein Hunde beißen.</p> <p><i>Ich bin leer, dürr, sündig und verlassen</i> <i>Aber nicht mehr</i> als ich verlassen habe. <i>Ich rauchte.</i> <i>Ich rauche.</i></p>

Ainda neste poema é interessante mencionar o jogo feito na tradução da última estrofe. A tradução fornecida pelo Chat-PGT é uma interpretação ao pé da letra quando utiliza a mesma voz ativa conjugada no poema em língua portuguesa, mas peca na fluidez ao entregar as informações, além de alterar o sentido levando ao entendimento de que o eu-lírico causou tudo a si mesmo, quando, na verdade, o contexto externo foi o desencadeador sobre o que os versos se referem. Dessa forma, optou-se pela possibilidade de inverter a ação de “esvaziar, secar, pecar e abandonar” para “*ter se tornado*” vazia, seca, pecadora e abandonada, mas, e nisso está a grande sacada, “não mais do que também abandonou”. Essa troca é algo que o poema em português permite sem que perca sua força semântica, mas que, na verdade, a enriqueça ainda mais por dar ênfase às comparações, de forma que o original e o traduzido se complementam e não mais existem isolados um do outro.

No próximo poema surge novamente o tom infantil na linguagem e na temática que constroem seu objetivo ao trazer como símbolo de consumo e desejo um grandioso SUV, cujo nome é o que constrói a conexão entre o sentimento de Natal, a esperança e o desejo de possuir alto poder aquisitivo com a realidade, cansativa e repetitiva, na qual o poema é iniciado. Além disso, entendemos que as mudanças de sentido necessárias para a tradução foram ganhos positivos o suficiente para causar a sensação de que o poema não havia terminado de ser escrito antes de ser

traduzido – coisa que, na visão de autotradutora, torna mais palpável a noção de tradução como um prolongamento do texto. Essa visão é justificada de acordo com o artigo de Costa: “a autotradução – concebida como sobrevida/ prolongamento – afeta diretamente na interação entre obra/escritor, pois [...] autotraduzir-se ‘significa prolongar o relacionamento do escritor com o livro que ele escreveu’” (Lahiri, 2021, apud Costa, 2022, p. 83).

Quadro 9: Quinto poema

Cartinha para o Noel
<p>Fui tomar vacina para febre amarela Fone de ouvido sem som Mais uma agulha, parece acupuntura Bem que podia ser acupuntura To com dor no meu banco traseiro</p> <p>Por acaso passei pela vitrine de uma concessionária e parei pra admirar Dois lindos carrões Eu e essa Santa Fé</p> <p>Queria ser a mãe dessa Santa Fé. Encerar a Santa Fé; Perfumar a Santa Fé; Tomar banho de chuva com a Santa Fé; Entrar na igreja com a Santa Fé; Bicicletinhas no porta-malas e os cachorro Porque tem que ter Com a língua na janela, babando</p> <p>Papai Noel, Faz um combino comigo Você me garante essa Santa Fé enquanto eu aprendo a trocar as fraldas do meu mano.</p>

Duas coisas divertidas na tradução do poema acima foram as felizes casualidades de que, em língua alemã, Papai Noel leva o nome de Santa Klaus, e assim, novamente, a transposição do poema de uma língua para outra o enriqueceu, uma vez que trouxe uma nova camada semântica para compor a tessitura de conexões entre os três elementos que o caracterizam: o Papai Noel, o objeto almejado, aqui representado de maneira alegórica como a SUV Santa-fe, e o comportamento do eu-lírico em frente a ambos, que toma esse objeto sob a ótica espiritual de desejar ter uma Santa Fé, uma esperança de que tempos melhores virão. A outra fortuita coincidência é que há, também, uma expressão idiomática que abrange a “parte traseira” tanto de pessoas, como também animais e objetos, permitindo, portanto, que a metáfora fosse conservada.

Contudo, como podemos observar, na tradução fornecida pelo Chat GPT há um equívoco no que diz respeito ao termo utilizado, pois *Hinterbänkchen* trata-se de uma tradução ao pé da letra do que se refere no texto de partida:

Quadro 10: Traduções de *Cartinha para o Noel*

Tradução do Chat-GPT	Autotradução
<p style="text-align: center;">Brief an den Weihnachtsmann</p> <p>Ich ging, um mich gegen Gelbfieber impfen zu lassen Kopfhörer ohne Ton Noch eine Nadel, es fühlt sich an wie Akupunktur Es könnte wirklich Akupunktur sein Ich habe Schmerzen in meinem Hinterbänkchen</p> <p>Zufällig bin ich an einem Autohaus vorbeigekommen Und habe angehalten, um zu bewundern Zwei wunderschöne Autos Ich und dieser Santa Fe</p> <p>Ich würde gerne die Mutter dieses Santa Fe sein. Den Santa Fe polieren; Den Santa Fe parfümieren; Im Regen mit dem Santa Fe duschen; Mit dem Santa Fe in die Kirche gehen; Fahrräder im Kofferraum und die Hunde Weil sie einfach sein müssen Mit der Zunge aus dem Fenster, sabbernd</p> <p>Weihnachtsmann, Mach einen Deal mit mir Du versprichst mir diesen Santa Fe während ich lerne, die Windeln meines Bruders zu wechseln.</p>	<p style="text-align: center;">Brief an den Klaus</p> <p><i>Ich habe mich gegen Gelbfieber impfen lassen</i> Kopfhörer ohne Ton Noch eine Nadel, es fühlt sich wie Akupunktur an <i>Ich möchte, dass es Akupunktur wäre</i> <i>Mein Hinterteil tut mir weh</i></p> <p>Zufällig bin ich an dem Schaufenster eines [Autohauses] vorbeigekommen <i>Und hielt an, um zwei wunderschöne Autos</i> <i>zu bewundern</i> Ich und dieser Santa Fé</p> <p>Ich würde gerne die Mutter dieses Santa Fé sein. Den Santa Fé polieren; Den Santa Fé parfümieren; Im Regen mit dem Santa Fé duschen; Mit dem Santa Fé in der Kirche hereinkommen; Fahrräder im Kofferraum und die Hunde Weil sie doch da sein müssen Mit der Zunge aus dem Fenster, sabbernd</p> <p><i>Lieber Santa,</i> Mach einen Pakt mit mir Du versprichst mir diesen Santa Fé während ich lerne, die Windeln meines Bruders zu wechseln.</p>

Outra coisa interessante a ser observada aqui é a escolha como autora da tradução de manter a grafia original referente ao “carrão”, uma vez que a escolha da SUV serve como figura inspiradora de linguagem para a verdadeira ênfase do poema, explicitada na repetição de “Santa Fé”. O que essa escolha pretende nada mais é causar o estranhamento no leitor como estratégia de fazê-lo refletir além da fortuita coincidência de o carro possuir o mesmo signo que Papai Noel na língua alemã, mas conhecer também a associação pretendida no texto de partida, e que, se traduzida literalmente, corresponderia a algo como *heiliger Glaube*.

O sexto poema, ainda sem título, foi dentre os dez selecionados um dos mais complicados de traduzir. Nele se repete o estilo de acrescentar um novo e desconcertante elemento

a cada verso, de forma que respeitar a ordem sintática de verbos, sujeitos e objetos nessa situação é demasiado complicado, pois a quebra de versos é essencial na construção das estrofes. Isso requer um malabarismo para transferir a estrutura do poema para a língua alemã. É difícil falar sobre essa tradução porque aqui, mais do que nos outros casos até agora, me permiti fazer uma releitura e deixar explícito coisas que até então não eram muito relevantes no texto de partida em português, além de recorrer a estratégias estilísticas ousadas para determinar o ritmo dos versos.

Quadro 11: Sexto poema

<p>Saí de casa sem aquele combino cheiroso Tinha guardado a noite pra lembrar do sonho dos brinco de coração de ouro que a vó deu de presente junto com um pote quebrado de hidratante roxo. Considerei que o cheiro de comida congelada harmonizaria mais com a menta da pasta de elástico com uma prova de português dentro</p> <p>Afazer, afazer. Acordei com essa palavra na cabeça, afazer. Preciso encontrar mais alguma coisa para Não fazer.</p> <p>Dois voos para assistir uma aula e eu vou encontrar meu quarto diferente e esmalte 3D. 3D, três deduções de mãe que não recomendo investigar desde que muito perigosa essa brincadeira de sonhar com brincos.</p>
--

Quanto ao léxico, relatamos que a interpretação da palavra “vó” pela palavra *Greisin* foi uma escolha deliberada, em parte, para dar ao poema um sentido mais místico, pois, em qualquer idioma, a associação de brincos de ouro com avó e presente provoca impressões que remetem ao carinho familiar, enquanto o intuito seria puxar mais para o lado ancestral da figura feminina como uma anciã, símbolo de sabedoria no mundo onírico em que está inserida.

Quadro 12: Traduções de Sexto poema

Tradução do Chat-GPT	Autotradução
<p>Ich verließ das Haus ohne dieses duftende Outfit, Hatte die Nacht aufgehoben, um an den Traum von den goldenen Herzohrringen zu denken, die [die Oma mir gab, zusammen mit einem zerbrochenen Topf voll lila Feuchtigkeitscreme als Geschenk. Ich überlegte, dass der Geruch von Tiefkühlkost besser mit dem Pfefferminzgeschmack der Gummibandpaste und einer Probe von Portugiesisch harmonieren würde.</p>	<p><i>Ging ohne die duftende Garnitur aus Hatte die Nacht freigehalten, um mich zu erinnern, an den Traum mit den goldenen Herzohrringen, die die Greisin mir zusammen mit einer zerbrochenen lila [Cremedose als Geschenk gab. Ich zog es in Betracht, dass der Geruch von Tiefkühlkost besser zu dem Pfefferminzgeschmack der Gummibandpaste passt und der Klausur von Portugiesen drinnen.</i></p>

<p>Aufgaben, Aufgaben. Ich wachte mit diesem [Wort auf, Aufgaben. Ich muss noch etwas finden, um Nicht zu tun.</p> <p>Zwei Flüge, um an einer Vorlesung teilzunehmen, [und ich werde finde mein Zimmer anders und Nagellack 3D. 3D, drei Schlussfolgerungen der Mutter, die [ich nicht empfehle zu untersuchen, da sehr gefährlich, dieses Spiel mit dem Traum von [Ohrringen.</p>	<p>Aufgaben, Aufgaben. Ich wachte mit diesem Wort auf <i>dem</i> [Kopf auf, <i>Aufgaben.</i> Ich muss noch etwas finden, um <i>Nichts</i> zu tun.</p> <p>Zwei Flüge, um einer Vorlesung <i>zu besuchen</i> und ich werde mein Zimmer <i>ganz anders</i> und <i>3D-Nagellack finden</i> <i>3D...</i> <i>DreiMuttersSchlussfolgerungendieichnichtempfehle</i> <i>Es zu untersuchen</i> <i>daessehrgefährlichistdiesesSpielmitOhrringenzuträumen.</i></p>
--	--

Um dos motivos que torna esse poema tão especial é que, usando referências diversas de diferentes sonhos tidos em um pequeno período de tempo, foi feito um divertido jogo de palavras, cujo sentido pode-se suspeitar, mas nunca adquirir completamente, pois cada verso tem sua polissemia dentro dele mesmo e em conjunto com os demais de forma incógnita. Dessa forma, buscar uma fluência no texto de chegada pareceria incongruente, uma vez que essa não está simplificada no texto de partida. Parte da solução encontrada para a tradução foi a estruturação livre da língua que a poesia permite, independente do idioma em que é escrita, e pela pausa seguida de palavras aglomeradas que lembram a maneira como crianças se expressam quando percebem que estão falando demais.

Na tradução do sétimo poema, *Atirar o pau no gelo*, nos deparamos, enfim, com um jogo de palavras onde é impossível driblar as limitações que as diferenças entre as línguas impõem à carga de sentido. Por mais que se tenha conseguido contornar a alegoria da moeda até então, aqui ela entra em um contexto direto com a ambiguidade atribuída à palavra “coroa” na língua brasileira coloquial. Assim é gerado um impasse inevitável em que se precisa abrir mão do jogo de palavras em prol de seguir o fio condutor que encerra o poema.

Quadro 13: Sétimo poema

Atirar o pau no gelo
<p>No ócio criativo fecho a portinhola dos meus olhos mecânicos Abro outros com a ajuda de ferramentas mágicas Legítimas armas biológicas Capazes de coisas horríveis Como erros ortográficos E pedidos de casamento – As mãos –</p>

Vejo no ouro um espelho que me reflete
toda em 18 quilates.
Uso as benditas para jogar nas alturas
moedas que descem prevendo
o futuro redondo

Sempre fui sortuda mas comecei a
jogar as moedas sem priorizar as
perguntas e o bombardeio de caras
e coroas deixou a moeda viciada
Separei algumas no cofrinho, mas faço
questão de manter uma valiosa da copa
embaixo do travesseiro
que é para eu perguntar enquanto sinto
o peso dos números caindo:

“Espelho, espelho, meu
Deus, Jesus quer casar comigo?”

Cara: só se levar tapa;
Coroa: melhor não.

A começar pelo título, notamos que o Chat-GPT errou ao interpretar o verbo “atirar” como o ato de atirar de uma arma, e não no frequente emprego com o sentido de “jogar”, “largar”, “soltar”, aqui mais bem traduzido pelo verbo *werfen*. Afora isso, também é interessante voltarmos a atenção para a escolha sintática na tradução dos dois últimos versos da primeira estrofe.

Quadro 14: Traduções de *Atirar o pau no gelo*

Tradução do Chat-GPT	Autotradução
<p>Den Stock ins Eis schießen In der kreativen Muße schließe ich die kleine Tür meiner mechanischen Augen Öffne andere mit Hilfe magischer Werkzeuge Legitime biologische Waffen Fähig zu schrecklichen Dingen Wie Rechtschreibfehler Und Heiratsanträge Die Hände - Ich sehe im Gold einen Spiegel, der mich in 18 Karat vollständig reflektiert. Ich benutze die gesegneten Hände, um Münzen in die Höhe zu werfen, die herabfallen und die runde Zukunft vorhersagen.</p> <p>Ich war immer glücklich, aber ich begann, die Münzen ohne Priorisierung der Fragen zu werfen, und das Bombardement von Kopf oder Zahl machte die [Münze süchtig. Ich habe einige im Sparschwein getrennt, aber ich [mache</p>	<p>Den Stock ins Eis werfen In der kreativen Muße schließe ich die <i>Klappe</i> meiner mechanischen Augen <i>und öffne andere mithilfe</i> magischer Werkzeuge <i>Authentische</i> biologische Waffen Fähig zu schrecklichen <i>Taten</i> Wie <i>Schreibfehler</i> Und Heiratsanträge – Die Hände – Ich sehe im Gold einen Spiegel, der mich <i>vollständig</i> in 18 Karat reflektiert. Ich benutze die <i>Gesegneten</i>, um <i>in die Höhe</i> zu werfen, <i>Münzen die fallen und vorhersagen</i> <i>die runde Zukunft</i>.</p> <p>Ich <i>bin immer glücklich gewesen</i>, aber <i>habe es begonnen, die Münzen zu werfen, ohne</i> [Priorisierung der Fragen und <i>die Belästigung von Köpfen</i> <i>und Kronen</i> machte die Münze süchtig. Ich habe einige im Sparschwein getrennt, aber <i>ich</i></p>

<p>es mir zur Pflicht, eine wertvolle Münze aus der Krone unter dem Kissen zu behalten damit ich frage, während ich das Gewicht der Zahlen [spüre:</p> <p>"Spiegel, Spiegel, mein Gott, Jesus willst du mich heiraten?"</p> <p>Kopf: nur wenn du eine Ohrfeige bekommst; Zahl: vielleicht lieber nicht.</p>	<p style="text-align: right;"><i>[bestehe darauf</i></p> <p>eine wertvolle <i>aus der Krone zu halten</i> unter dem Kissen damit ich <i>fragen kann</i>, während ich das Gewicht der Zahlen <i>erspüre</i>:</p> <p>„<i>Spiegelein, Spiegelein, mein</i> <i>Gott, Jesus will mich heiraten?</i>“</p> <p>Kopf: nur <i>mit Ohrfeige</i>; <i>Krone: lieber nicht.</i></p>
---	---

Superficialmente, “*Münzen die fallen und vorhersagen/ die runde Zukunft*” é visto apenas como um erro sintagmático na tradução, contudo, a rigidez da gramática não tem autoridade na poesia; nela, o erro deve ser questionado e ressignificado. No português, a ênfase se encontra no verso “o futuro redondo”, brincando com o slogan “cerveja que desce redondo” e o ato de prever o futuro jogando uma moeda; logo, as alterações feitas na estrutura da tradução foram pensadas de forma a manter a ênfase nesse “futuro redondo”, pensado aqui pelos conceitos de *Ouroboros* e *Samsara* (preceitos filosóficos e místicos que observam o tempo como um eterno ciclo).

Outras alterações relevantes que podemos perceber dizem respeito à tradução dos termos “cara” e “coroa” de forma pouco convencional; ou seja, na língua alemã o que se entenderia pelo uso das palavras em conjunto corresponde perfeitamente à tradução do Chat-GPT, no entanto, aqui “cara e coroa” não significam os dois lados de uma moeda, mas a personificação disso. Desta forma, a fidelidade ao original que buscamos não é o suficiente para realizar o mesmo ato enunciativo daquele, uma vez que é preciso o conhecimento de ambos os textos para ter acesso ao conteúdo das entrelinhas, essencial à compreensão.

O poema que segue é um exemplo que não exige um grande esforço de interpretação para deliberar sobre a escolha de palavra a serem usadas em sua tradução, mas apresenta um sentimento que pode ser compreendido quase que universalmente. A comparação irônica entre o próprio ímpeto de produzir e o ímpeto – e esforço – de Deus ao criar o Universo, gera uma perda de expectativa quando, afinal, a grande criação do ímpeto gerador do poema é o ato de conectar um abajur na tomada. Não obstante sua tradução, como produto derivado, oferece complexidade igualmente decepcionante, sobretudo para uma inteligência artificial.

Quadro 15: Oitavo poema

MERDA
Essa vontade de produzir Estando Parada As ideias vêm Mas sem impulso não passam de ideias Deus não pôde simplesmente desejar a luz Ele precisou dizer “Faça-se a luz!” Então houve luz. De maneira semelhante agora poupo a voz e conecto um fio na tomada.

Algo interessante de mencionar aqui em relação à tradução deste poema é a cacofonia que se criou ao versar „*Es werde Licht!*“ *Und es wurde Licht* e *spare ich die Stimme/ und stecke einen Stecker in die Steckdose*, algo que não teria sido ambicionado, mas que parece funcionar.

Quadro 16: Traduções de *MERDA*

Tradução do Chat-GPT	Autotradução
SCHEIBE	SCHEIBE
Dieser Drang, etwas zu produzieren Während ich stillstehe Die Ideen kommen Aber ohne Antrieb bleiben sie nur Ideen Gott konnte nicht einfach das Licht wünschen Er musste sagen „Es werde Licht!“ Und dann gab es Licht. Ähnlich jetzt halte ich meine Stimme zurück und stecke einen Stecker in die Steckdose	Dieser Drang, etwas zu produzieren Während ich stillstehe Die Ideen kommen Aber ohne Antrieb bleiben sie nur Ideen Gott konnte nicht einfach das Licht wünschen Er musste sagen „Es werde Licht!“ <i>Und es wurde Licht.</i> Ähnlich jetzt <i>spare ich die Stimme</i> und stecke einen Stecker in die Steckdose

Afora pequenos ajustes menos relevantes para a análise presente, as alterações feitas na tradução automática do poema a seguir, o penúltimo a ser apresentado neste trabalho, foram ponderadas com o intuito de aproximar o cenário metafórico da poética para a imaginação do leitor, ademais, a interpretação feita pelo Chat-GPT dos versos cinco e seis fora equivocada a ponto a afirmar o contrário do que propõe o enunciado.

Quadro 17: Nono poema

Espelho
No meu rosto milhares de faces que não a minha

No meu quarto milhares de histórias
além das minhas
Minhas mãos movem-se com tanta rapidez
que desconfio de meu esforço para fazê-lo

Vejo tudo mover-se inerte.
Vejo tudo brilhar pálido.
Vejo tudo dançar sem vida.

Já não sonho com o futuro, recordo-me
dele e por isso só imagino aquilo
que já aconteceu.

Estalos no espaço me obrigam a esperar
E conseqüentemente a aumentar
A vontade que eu tenho de te encontrar durante a noite.

De forma contrária ao texto em análise, a interpretação do Chat-GPT sugere que a informação dos últimos versos da primeira estrofe comunicaria um esforço da eu-lírico para desconfiar da rapidez de suas mãos, o que buscou-se corrigir. Essa falha de interpretação é uma peculiaridade essencial para discutir o papel de ferramentas automatizadoras do processo tradutório, a corroborar para a argumentação criada na seção 2.3, referente à ética no uso da tecnologia.

Por outro lado, a troca de *leblos* para *schwunglos* é justificada para tornar mais claro o sentido de “sem vida” não como “morto”, mas imóvel, parado, sem movimento; talvez, podemos considerar, a opção do Chat-GPT também seja válida, no entanto, por motivos de alemão ser a nossa segunda língua (e, portanto, isso se tratar de uma versão – no sentido próprio da palavra), não identificamos na palavra *leblos* o mesmo sentido intencionado na criação “sem vida” do poema. Dessa forma, a falta de “autoridade” sobre a língua alemã, refletida pelo caráter bilíngue de quem traduziu, é vencida pela autoridade de ser “dono” do texto, que permite realizar pequenas mudanças quando estas se mostram sensatas.

Quadro 18: Traduções de *Espelho*

Tradução do Chat-GPT	Autotradução
<p style="text-align: center;">Spiegel</p> <p>Auf meinem Gesicht tausende Gesichter außer meinem eigenen In meinem Zimmer tausende Geschichten jenseits meiner eigenen Meine Hände bewegen sich so schnell dass ich mein Bestes tue, es zu misstrauen</p> <p>Ich sehe alles regungslos bewegen.</p>	<p style="text-align: center;">Spiegel</p> <p><i>In</i> meinem Gesicht tausende Gesichter außer meinem In meinem Zimmer tausende Geschichten <i>außer meinen</i> Meine Hände bewegen sich so schnell dass <i>ich an meiner Mühe zweifle, es zu machen</i></p> <p>Ich sehe alles <i>sich</i> regungslos bewegen.</p>

<p>Ich sehe alles blass leuchten. Ich sehe alles leblos tanzen.</p> <p>Ich träume nicht mehr von der Zukunft, ich [erinnere mich daran und deshalb stelle ich mir nur vor was bereits geschehen ist.</p> <p>Knacken im Raum zwingt mich zum Warten Und folglich zum Steigern des Verlangens, dich in der Nacht zu finden.</p>	<p>Ich sehe alles blass leuchten. Ich sehe alles <i>schwunglos</i> tanzen.</p> <p>Ich träume nicht mehr von der Zukunft, <i>sondern</i> [erinnere ich mich <i>an ihm und</i> deshalb stelle ich mir nur vor was bereits geschehen ist.</p> <p>Knacken im Raum <i>zwingen</i> mich zum Warten Und folglich zum Steigern des Verlangens, dich in der Nacht zu finden.</p>
---	---

Para finalizar este capítulo, o empecilho que se apresenta no próximo poema aparece logo no título, que, na verdade, só foi transformado em título quando da execução do trabalho presente, antes fora tão-somente o verso primeiro do poema que inicia. Destarte, com a percepção do título ligado diretamente ao verso que o segue, explica-se o uso de *furchtbar* em vez de *ängstlich*, porque, embora este tenha suas raízes associadas mais ao “medo propriamente dito”, aquele traz de forma mais pungente o péssimo por trás do medo, o péssimo que antecede qualquer pensamento sobre o qual não se quer pensar, a péssima sensação que temos quando prevemos que o que não queremos que aconteça tem, infelizmente, grande de probabilidade de acontecer.

Quadro 19: Décimo poema

Ai que medo!
<p>Estar errada essa incerteza</p> <p>Cruel dúvida Será a intuição ilusória?</p> <p>Queria eu com eles e contigo falar E tudo esclarecer Mas ai que medo A resposta ser silêncio</p> <p>Gritar eu quero Por chorar não conseguir Estar sempre à sombra do Devo E do mistério</p> <p>Poderia você me entender E acolher Ou condenada estou à fausta vida viver Nessa solidão do meu querer</p>

A escolha por um signo mais próximo do “ruim” do que do “assustador” reside no fato de querer dar de antemão a visão do eu-lírico sobre os sentimentos de solidão e incerteza frente à

modernidade das relações interpessoais. O cenário em que o poema se constrói admite como banais e corriqueiros os dilemas diversos enfrentados pelos jovens que se relacionam romanticamente mundo afora. Nesse contexto tais conflitos de convivência já são, na verdade, tão esperados, que resta para o eu-lírico apenas o conforto de se lamentar e reclamar sobre um futuro inevitável sem previsão de felicidade. Como um bom e clássico adolescente wertheriano.

Quadro 20: Traduções de *Ai, que medo!*

Tradução do Chat-GPT	Autotradução
<p>Oh, wie ängstlich! Falsch zu liegen, diese Unsicherheit.</p> <p>Grausame Zweifel, Ist die Intuition trügerisch?</p> <p>Ich würde gerne mit ihnen und mit dir sprechen Und alles klären. Aber oh, wie ängstlich Die Antwort könnte Schweigen sein.</p> <p>Ich möchte schreien, Aber ich kann nicht weinen. Immer im Schatten des Werdens sein Und des Geheimnisses.</p> <p>Könntest du mich verstehen Und aufnehmen Oder bin ich dazu verurteilt, ein günstiges Leben In dieser Einsamkeit meines Wollens zu führen?</p>	<p>Autsch, wie furchtbar! <i>Diese Unsicherheit falsch zu liegen</i></p> <p>Grausame Zweifel Ist die Intuition trügerisch?</p> <p>Ich würde gerne mit ihnen und mit dir sprechen Und alles klären Aber <i>autsch</i>, wie <i>furchtbar</i> <i>ob die Antwort Stillschweigen wäre</i></p> <p>Ich möchte schreien, <i>weil ich nicht weinen kann</i> Immer im Schatten des Werdens und des Geheimnisses <i>liegen</i></p> <p>Könntest du mich verstehen Und aufnehmen Oder bin ich dazu verurteilt, ein <i>faustisches</i> Leben In der Einsamkeit meines Wollens</p>

A fim de não terminar este capítulo sem associar mérito algum à ferramenta auxiliar utilizada, lança-se elogios e agradecimentos por, assim como proporcionar diversas reflexões pertinentes ao processo tradutório, ter fornecido um vocabulário aquém do possuído pessoalmente e, portanto, lançado a necessidade e sobretudo a possibilidade de pesquisa. De forma semelhante à que os algoritmos das inteligências artificiais aprendem e se aperfeiçoam a cada interação, essas experiências também corroboram para o aprendizado daqueles que, com curiosidade, encantamento e medo, ousam estudá-las.

A partir dos comentários e das reflexões aqui expostos, é pertinente comentar a respeito deste trecho sobre a autotradução:

Para Dorfman e Ngugi, portanto, a atividade pode ser percebida como uma atividade significativamente distinta do processo de tradução que um tradutor profissional, por exemplo, vivencia ao traduzir. Tanto Dorfman como Ngugi descrevem transcurros complexos de “reescrita” ou de “escrita criativa”, respectivamente. São, a meu ver,

processos de autotradução, à primeira vista diferentes da tradução profissional, e semelhantes, ao da escrita literária. (apud Antunes, 2022, p. 61)

Embora o ponto de vista adotado aqui não seja tão categórico ao considerar a diferença entre tradução e autotradução, torna-se difícil discordar da seguinte definição sobre autotradução:

[...] apresentada por Anton Popovic (1975): “tradução autorizada (autotradução): a tradução de uma obra original para outra língua pelo próprio autor”. É significativo que Popović utilize a expressão “tradução autorizada” para se referir ao produto desse tipo de trabalho, revelando assim um aspecto expressivo: o autor como autoridade absoluta e singular [...] o status superior de uma tradução produzida pelo próprio autor do texto. (p. 19 apud *ibid.*, p. 64)

Isso ocorre, concluímos, então, porque o que se entende por “recriação”, “reescrita”, “aperfeiçoamento”, etc., se apresenta de forma mais intensa em autotraduções do que em outras formas de tradução, tal qual a propriamente dita. No entanto, a experiência relatada aqui, em consonância com o conhecimento prático adquirido ao longo do curso de bacharelado em Letras, nos permite equiparar as noções que se tem até então sobre tradução e autotradução, tomando como exemplo a citação de Clarice Lispector, na qual afirma que “traduzir pode correr o risco de não parar nunca, quanto mais se revê, mais se tem que mexer e remexer [...]” (2005 apud Martins, 2021, p. 103), assim como ocorre quando um autor se relê.

4 OBSERVAÇÕES SOBRE O DESEMPENHO DO CHAT-GPT EM TRADUÇÃO

O acréscimo deste capítulo ao fim desse trabalho surge com o propósito de apresentar brevemente alguns padrões identificados nas traduções geradas por essa ferramenta e como elas já estão sendo levadas em consideração na pesquisa acadêmica. No estudo conduzido por Hendy et al, por exemplo, foi feita a análise de traduções do inglês para outros nove idiomas, além de traduções entre alemão e francês, para fins comparativos; embora o português não tenha sido acrescentado ao estudo, os resultados da pesquisa se mostram frutíferos para complementar o nosso estudo, pois consideram que o modelo “GPT pode gerar traduções razoáveis para frases de origem parciais ou incompletas [...]” (Hendy et al., 2023, p. 14, tradução nossa).

Essa proposição mostra-se positiva porque, apesar de apresentar dificuldades para executar tarefas específicas, o Chat-GPT se mostrou útil para produzir traduções fluentes em relação a coerência, gramaticalidade e interpretação. Entretanto, faz-se necessário lembrar, que o estudo conduzido aqui tratou de traduções poéticas, o que, no que diz respeito a teorias da tradução, é frequentemente visto como um gênero literário cuja traduzibilidade é considerada desafiadora até para os especialistas com mais experiência; mesmo assim, como essas traduções foram criticamente avaliadas e dissecadas pela autora e pelo professor que orientou a pesquisa, torna-se apropriado assumir seu uso enquanto ferramenta auxiliar é positivo, pois permite que o tradutor concentre as suas reflexões para resolver os problemas que exigem mais atenção e pensamento crítico, de forma a otimizar o seu ofício e produzir uma tradução de alta performance que, do contrário, levaria mais tempo e mais esforço.

Logo, tendo em consideração a dificuldade para traduzir poesia como intrínseca e inevitável para qualquer método que se aplique como estratégia de interpretação, os seguintes padrões geradores de erros nas traduções elaboradas pelo Chat-GPT mostram-se comuns a todos os tipos de textos fornecidos como *input*⁴:

Não Monotonicidade da Tradução (NM): [...] Uma tradução mais parafrástica ou menos literal provavelmente se desviará de um acompanhamento próximo da ordem das palavras da fonte (entre pares de línguas). [...]

Inserção de Pontuação (PI): [...] A inserção de um marcador de final de sentença em tais casos é inadequada para a tradução. [...]

Palavras Não Alinhadas na Fonte (USW): [...] Quando controlada pela qualidade, uma tradução mais parafrástica provavelmente conterá mais palavras que não se alinham com as palavras na sentença original. [...]

Palavras Não Alinhadas na Tradução (UTW): mede o número de palavras não alinhadas na tradução usando os mesmos alinhamentos palavra por palavra da medição

⁴ Maneira de se referir aos textos fornecidos pelo usuário ao Chat-GPT como base para a geração de respostas.

anterior. Isso indica a presença de palavras que não têm suporte na fonte e é incluído para medir palavras que são potencialmente inseridas na tradução sem qualquer base no texto de entrada. (*ibid.*, p. 17-19, tradução nossa)

No que tange à especificidade deste trabalho, considera-se que a intuição linguística de um falante nativo reproduzida artificialmente pelos algoritmos de IA é apta para elaborar boas traduções no que se entende por adequação no transferir mensagens compreensíveis e corretas de uma língua a outra; todavia, não consideramos que esse seja o único atributo necessário para tornar uma tecnologia capaz de substituir a aptidão de um tradutor profissional que disponha de arcabouço teórico e experiências (em vez de muitos *quettabytes*⁵ de corpora) que permitam exercer ponderações críticas essenciais a tal função. Mesmo assim, a crescente popularidade da inteligência artificial nas mais diversas áreas vem exigindo dos profissionais de hoje a habilidade de saber ser *flexível* e estar pronto para se adaptar a qualquer realidade que se apresentar.

Nesse contexto, a ideia de aptidão – em oposição ao conceito de saúde que Bauman expõe em sua obra, algo que estaria associado a “quebrar todas as normas e superar todos os padrões”, ao contrário do “seguir as normas” como característica própria do que o autor associa ao conceito de saúde – é entendida como a capacidade de reconhecer as próprias limitações, de agir com humildade e assumir que é possível adotar novas formas de realizar tarefas até então vistas de maneira “imutável”. Ou seja, o que inferimos de *estar apto* relaciona-se à capacidade de ponderar se seu fazer profissional adequa-se ao que se espera dele em relação às mudanças que se apresentam em nossa realidade. O que não significa, no entanto, que ao perceber seu desempenho como inferior, superado ou até equivalente ao das máquinas, isso seja um sinal de que seu papel tenha se tornado obsoleto e insignificante diante disso.

Na verdade, para concluir o argumento deste breve capítulo, essas falhas que a máquina em questão apresentou, embora não sejam significativas para a qualidade das traduções quando vistas em um amplo espectro, mostram que os tradutores têm, hoje em dia, uma tarefa fundamental para levar sua função adiante usando as máquinas a seu favor e como parâmetro para evidenciar o que ainda exige estudos mais aprofundados. Dessa forma, o Chat-GPT em tradução é entendido como um aliado, não como um inimigo ameaçador.

⁵ Medida que possui a maior capacidade de armazenamento até então, superando *terabyte*, *petabyte*, *o exabyte*, *o zettabyte* e *o yottabyte*.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O resultado dessa pesquisa mostra que, analisando crítica e formalmente de acordo com o que entendemos sobre teorias da tradução, o Chat-GPT ainda apresenta falhas no que diz respeito à sua qualidade e adequação como tradutor; muitas dessas limitações já foram identificadas pelos profissionais da área e são atualmente objetos de análise e frequentemente atualizados. Dessa forma, uma das possíveis conclusões aponta que, embora essa ferramenta seja realmente incrível para realizar uma enorme variedade de tarefas, ela não substitui um tradutor profissional, i.e., humano, mas serve a ele como excelente ferramenta para complementar, facilitar e aperfeiçoar o seu ofício.

Na verdade, observamos também que a humildade exigida ao ato de traduzir é prova de que quem traduz deve assumir os desafios que serão encontrados não apenas no ato de tradução, mas sobretudo na vivência de ser um tradutor em todos os cenários que ela possa ocasionar. Logo, ao abraçar e assumir o uso de ferramentas que automatizam *parte* de seu trabalho, o tradutor não está sendo um traidor do seu ofício, pois isso não é desrespeitar o texto de base, tampouco a tradução que foi profissionalmente incumbido a fazer, contanto que ele aja de maneira ética e respeite a importância da acessibilidade à língua e a primazia da tradução como os princípios a guiá-lo na sua prática.

Nessa ótica, a democratização do acesso à língua é vista como o fruto mais importante do Chat-GPT enquanto tradutor automático gratuito. Suas falhas e qualidades são e devem continuar sendo identificadas por profissionais especializados e responsáveis que dedicam suas carreiras contribuindo para que o desenvolvimento e o aperfeiçoamento sejam buscados e alcançados de forma consciente. Esse preceito serve igualmente como guia a todas as outras funções e tarefas que as IAs são capazes de produzir. As falhas que elas ainda apresentam no campo da tradução não são nada em comparação ao perigo que seu potencial carrega ao ser empregado de maneira irresponsável por indivíduos com más intenções. Tais ameaças devem ser a primeira preocupação daqueles que usam esses tipos de ferramentas no dia a dia, porque, embora os erros mais frequentemente cometidos pelo Chat-GPT e identificados pelos usuários possam ser incômodos quando o propósito é automatizar uma função e torná-la mais fácil, não há um controle (ou conhecimento) bem definido de até onde o potencial dessas máquinas podem chegar, uma vez que se trata do que temos de mais atual e produtivo em termos ciência e que máquinas ainda mais potentes, capazes de superar o que é conhecido do potencial humano, já existem enquanto teoria

e objeto de estudo nos campos de pesquisa da computação (esse novo tipo é até então denominado como superinteligência).

Por outro lado, de acordo com o que foi comentado sob diferentes ângulos a respeito autoria, tradução e autotradução, consideramos que a concepção da tradução como reescrita assemelha-se ao processo de autotradução desenvolvido no capítulo 3. Embora discordemos do conceito da autotradução como “tradução verdadeira”, o trecho a seguir extraído do trabalho de Antunes corrobora à afirmação de que a autoridade do autor enquanto autotradutor é um fator determinante para elevar o status da reescrita elaborada em uma autotradução em comparação à reescrita socialmente permitida em uma tradução.

De fato, João Ubaldo Ribeiro também pareceu demonstrar sua crença na tradução “verdadeira” e, apenas inicialmente, como veremos adiante, na possibilidade de transformar um texto ao traduzi-lo. Além disso, mostra, também a princípio, apreço pela autoridade sobre os textos, que lhe daria a chance de agir tal como o único profissional que pode autorizar mudanças sobre o trabalho: [...] achei, no começo, que teria mais liberdade no sentido de que, se alterasse alguma coisa no texto, o autor não ia reclamar. Mas acabei não fazendo isso, acabei, não importava a tentação, não reescrevendo ou retocando nada (daí a responsabilidade) [...]. (Antunes, 2022, p. 64)

Esse excerto mostra também outro aspecto citado ao falar sobre autotradução, a tentação de realizar mudanças. Esse aspecto parece ser onipresente a qualquer autor que se aventure a traduzir a si mesmo; mesmo que João Ubaldo tenha escolhido se posicionar de acordo com a responsabilidade esperada de um tradutor para respeitar o original, este trabalho mostrou que mudanças não devem sempre ser categoricamente condenadas e evitadas em uma tradução, na verdade, quando elas aparecem em textos autotraduzidos mostram-se com frequência vistas como um complemento de leitura ao texto de partida. Como descreve Lahiri, “a autotradução oferece um segundo ato para um livro, mas [...] esse segundo ato diz respeito menos a versão traduzida do que ao original, que agora é reajustado e realinhado graças ao processo de desmontagem e remontagem” (Lahiri, 2021 apud Costa, 2022, p. 80), ou seja, contraditoriamente, segundo a autora, ao ser autotraduzida, a obra tida como original perde espaço para a sua versão atualizada, por assim dizer, produto da reescrita inerente a qualquer tradução.

Tal consideração é importante para defender a visão da tradução por um outro prisma que não simplesmente a transferência de um texto para outra língua. A definição do tradutor como autor não quer dizer que ele tenha exercido um papel autor no livro original, mas que a sua interpretação desse livro representa uma reescrita que, além de servir como acesso aos falantes de uma determinada língua, serve como apoio para aqueles leitores que querem se aprofundar em

uma obra e vê-la por outros ângulos a fim de compreendê-la melhor. Isso significa, portanto, que a responsabilidade do tradutor enquanto interpretante se imprime na sua consciência de que suas alterações (vistas como resultado natural de qualquer tradução, considerando que os textos nunca serão iguais) podem deturpar o significado; contudo, a sua habilidade de manipular um texto deve ser ponderada com ética para que produza uma tradução adequada aos seus propósitos. Para validar a perspectiva que se quer propor aqui, torna-se interessante pensar em obras problemáticas em pontos de vistas sociais, que disseminam preconceitos e demais visões ultrapassadas; nesses casos, a intervenção de um tradutor pode ser útil quando pensamos nele como sujeito edificador.

Dessa forma, a complexidade que se manifesta em todos os âmbitos da tradução está longe de ser esquecida e resolvida pela evolução da tecnologia como um todo. Como resposta a isso, este excerto nos permite concluir que a existência e a busca por excelência do tradutor mostram-se mais importantes do que nunca:

Na pluralidade de áreas de conhecimento que constituem a escola, refletir acerca da diversidade de pontos de vista, entre eles a da ciência, da arte e da literatura é, de nosso horizonte de compreensão, uma oportunidade ímpar de formação, pois permite que a especificidade de cada perspectiva se integre, enriquecendo a formação do sujeito. Propomos que a educação se ocupe de marcar determinados campos de conhecimento e possibilite, por exemplo, a compreensão de que a alteridade que a experiência estética permite não é uma categoria da qual pertence a ciência. Ela, por sua natureza metodológico-científica, “[...] não sabe o que fazer de outra forma de conhecimento, senão depreciá-lo, rejeitá-lo ou excluí-lo”. Já a hermenêutica concebe a interpretação eminentemente como esforço que não anula as alteridades; ao contrário, conta com elas: “[...] assume a interpelação que o texto, a tradição e o intérprete se dirigem mutuamente como o encontro de alteridades que, se neutralizadas como preconiza a ciência, não ajudam a elucidar, mas obscurecem a compreensão”. A compreensão de que se trata aqui é diferente da compreensão científica, que, por sua especificidade, pretende a possessão do ente por meio da ênfase na relação sujeito-objeto. Essa pretensão não é o seu defeito; ao contrário, é a sua força, desde que esteja claro que este esforço de precisão e clareza também apresenta certos limites. (Waddington, 2002, p. 178-179 apud Johann, 2019, p. 10-11)

Para finalizar, esta pesquisa mostrou-se frutífera ao seu propósito de validar o papel do tradutor sem, para isso, desconsiderar a importância das máquinas, afirmando que ambos podem existir concomitantemente e se beneficiar de parcerias. Além disso, a amplitude do tema manifestou-se capaz de abrir muitas discussões sobre os mais variados assuntos, expondo-se útil para influenciar novos estudos. Assim sendo, as reflexões propostas afiguram-se como gatilho a novas discussões na medida em que encerram com a afirmativa de que tais temas estão em perpétua evolução.

REFERÊNCIAS

- ABES, Gilles Jean. A INVISIBILIDADE DO TRADUTOR: Ofício, profissão e gestos de um artífice. **Revista Brasileira de Literatura Comparada**, dez. 2022. Disponível em: <https://revista.abralic.org.br/index.php/revista/issue/view/47> Acesso em: 08 nov. 2023.
- ANTUNES, Maria Alice Gonçalves. Autotradução: o caso do escritor brasileiro João Ubaldo Ribeiro e a versão de Sargento Getúlio / Sergeant Getúlio. **Revista Trama**, vol. 5 n. 9, 2009.
- ANTUNES, Maria Alice Gonçalves. Breve histórico da autotradução: os casos de André Brink e João Ubaldo Ribeiro. **Tradução em Revista**, vol. 1, 2010. p. 1-11
- ANTUNES, Maria Alice Gonçalves. O respeito pelo original: João Ubaldo Ribeiro e sua visão sobre a (auto) tradução em entrevista por e-mail. Porto Alegre: **Revista Brasileira de Literatura Comparada**, v. 24, n. 47, set./dez., 2022. p. 60-70
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Tradução: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001. 260 p.
- BRITTO, Paulo Henrique. Uma experiência de Autotradução. Porto Alegre: **Philia&Filia**, v. 2, n. 1, jan./jul. 2013. p. 59-71
- CASANOVA, Pascale. **A República Mundial das Letras**. Tradução: Marina Appenzeller. São Paulo: Estação Liberdade, 2002. p. 161-204
- COSTA, Andréa Moraes da. De Dove me Trovo a Whereabouts: Jhumpa Lahiri e a autotradução. Porto Alegre: **Revista Brasileira de Literatura Comparada**, v. 24, n. 47, set./dez., 2022. p. 75-84
- FLORES, Valdir do Nascimento. O falante e a tradução: A condição tradutória. In: FLORES, Valdir do Nascimento. **Problemas gerais de linguística**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019. cap. 6, p. 213-344.
- FLORES, Valdir do Nascimento. **Saussure e a tradução**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2021. Epub.
- HENDY, Amr et al. **How good are GPT models at Machine Translation?** A comprehensive evaluation. Ithaca, University of Cornell, fev. 2023.
- JAKOBSON, Roman. Aspectos linguísticos da tradução. In: JAKOBSON, Roman. **Linguística e comunicação**. São Paulo: Cultrix, 1999. p. 63-72.
- JOHANN, Maria Regina. TRADUÇÃO E LEITURA: contribuições da hermenêutica filosófica para pensar a arte e a literatura em um horizonte ético-estético. **Salão do Conhecimento**, [S. l.], v. 5, n. 5, 2019. Disponível em: <https://www.publicacoeseventos.unijui.edu.br/index.php/salaconhecimento/article/view/11700>. Acesso em: 22 jun. 2024.
- MARTINS, Márcia A. P. As Contribuições de André Lefevere e Lawrence Venuti para a teoria da Tradução. **Caderno de Letras**, UFRJ, n. 27, dez. 2010. p. 59-72

MARTINS, Márcia A. P. (org.). **Palavra de tradutor**: Reflexões sobre tradução por tradutores brasileiros. Florianópolis: Editora da UFSC, 2018. 205 p.

NUNES, Paula Ávila. **O TRADUTOR COMO FUNÇÃO ENUNCIATIVA**: uma análise de autotradução. Orientador: Valdir do Nascimento Flores. 2008. Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura em Letras) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

PICOLI, Adriano. A QUESTÃO DA TRADUÇÃO EM GADAMER: a estrutura da conversa viva como modelo da ação tradutória. **Guairacá**, Guarapuava, v. 29, n. 2, p. 85-124, 2013.